

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA

FRANCIELE FERREIRA RESENDE

CHEERLEADING E MOTIVAÇÃO: um estudo com equipes universitárias brasileiras

UBERLÂNDIA

2021

FRANCIELE FERREIRA RESENDE

CHEERLEADING E MOTIVAÇÃO: um estudo com equipes universitárias brasileiras

Trabalho de Conclusão de Cursos apresentado ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Inácio Nunes.

UBERLÂNDIA

2021

FRANCIELE FERREIRA RESENDE

CHEERLEADING E MOTIVAÇÃO: um estudo com equipes universitárias brasileiras

Trabalho de Conclusão de Cursos apresentado ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Inácio Nunes

Uberlândia, _____ de _____ de 20 _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Inácio Nunes – FAEFI/UFU

Profa. Dra. Sigrid Bitter – FAEFI/UFU

Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva – IPSICO/UFU (Aposentado)

RESUMO

Este estudo objetiva identificar os motivos que levam estudantes universitários a praticarem *cheerleading*. Para tanto, buscou-se mapear o perfil sociodemográfico desses estudantes; identificar os fatores que os levaram a integrar e o que os leva a permanecer na equipe; e avaliar as principais dificuldades enfrentadas por esses alunos e por suas equipes. Para a coleta de dados foram utilizados: questionário sociodemográfico; *Participation Motivation Questionnaire*; questionário com questões discursivas. Participaram do estudo 100 estudantes-atletas, 77 mulheres e 23 homens, com idades entre 18 e 27 anos. Os resultados demonstraram que os principais fatores que levaram esses estudantes à prática do esporte é a busca por “competência técnica”; e o que os levou a integrar uma equipe foi a “paixão/admiração” pelo esporte. A manutenção na equipe é motivada pelo “vínculo com a equipe”; e as principais dificuldades encontradas por estudantes e equipes são “problemas financeiros”. A busca por competência técnica e melhora de habilidades são confrontadas por problemas financeiros, o que pode contribuir para a desmotivação dos atletas. Embora o “vínculo com a equipe” seja apontado como principal fator motivacional de permanência na equipe, o fator afiliação não possuiu grande expressividade. Conclusão: a partir do momento passam a integrar uma equipe as motivações dos estudantes se voltam para o desenvolvimento técnico do esporte, não se restringindo a aspectos subjetivos.

Palavras-chaves: Cheerleading. Esporte Universitário. Motivação.

ABSTRACT

This study aimed to identify the reasons that lead university students to practice cheerleading. We sought to map the socio-demographic profile of these students; identify the factors that led them to integrate and what leads them to remain in the team; and assess the main difficulties faced by these students and their teams. For data collection, the following were used: sociodemographic questionnaire; Participation Motivation Questionnaire; questionnaire with discursive questions. The study included 100 student-athletes, 77 women and 23 men, aged between 18 and 27 years old. The results showed that the main factor that drives these students to practice the sport is the search for "technical competence"; and what led them to join a team was their "passion / admiration" for the sport. The maintenance of the team is motivated by the "bond" with other members; and the main difficulties encountered by students and teams are "financial problems". From the moment they join a team, the motivations of these students become much more intrinsic than extrinsic. The search for technical competence and skills improvement are confronted by financial problems, which can contribute to the athletes' demotivation. Although the "bond with the team" is appointed as the main motivational factor for staying on the team, the affiliation factor was not very expressive. Conclusion: from the moment onwards, students become part of a team, the motivations of students turn to the technical development of the sport, not restricted to subjective aspects.

Keywords: Cheerleading, University Sports. Motivation.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AAA - Associação Atlética Acadêmica

ABC&D - Associação Brasileira de Cheer & Dance

CBDU - Confederação Brasileira de Desportos Universitários

CNE - Conselho Nacional do Esporte

COB - Comitê Olímpico Brasileiro

COI - Comitê Olímpico Internacional

CPC - Comissão Paulista de Cheerleading

DISEU - Divisão de Esporte e Lazer

FAE - Federação Atlética de Estudante

FAEFI - Faculdade de Educação Física e Fisioterapia

FIEU - Federação Internacional de Esportes Universitários

GDF - Google Digital Forms

ICU - International Cheer Union

IES - Instituição de Ensino Superior

JUBs - Jogos Universitários Brasileiros

NCA - National Cheerleader Association

PMQ - Participation Motivation Questionnaire

SEMESP - Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UBC - União Brasileira de Cheerleading

UCA - Universal Cheerleaders Association

UFU – UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

USASF - United States All Star Federation

LISTA DE QUADRO E TABELAS

Tabela 1 - Ano de ingresso na equipe e tempo de equipe

Tabela 2 - Resultados do PMQ

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - IES dos participantes

Gráfico 2 - Cursos frequentados pelos participantes

Gráfico 3 - Ano/período cursado pelo participante

Gráfico 4 - Ano de ingresso na equipe

Gráfico 5 - Motivação para o ingresso na equipe: frequências brutas/categorias

Gráfico 6 - Motivações para a permanência na equipe: frequências brutas/categorias

Gráfico 7 - Dificuldades para participar da equipe: frequências brutas/categoria

Gráfico 8 - Dificuldades enfrentadas pela equipe: frequências brutas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
1.1	<i>Cheerleading</i> : definição e história	10
1.2	O cheerleading no Brasil	13
1.3	Considerações sobre o esporte universitário	14
1.4	A pesquisa acadêmica sobre esporte universitário na UFU	15
1.5	A motivação no esporte	18
2	METODOLOGIA.....	20
3	DIALOGANDO COM OS DADOS.....	23
3.1	Perfil sociodemográfico: caracterização da amostra	23
3.2	Motivação para a prática de esporte: análise do PMQ	27
3.3	Motivações para o ingresso na equipe	31
3.4	Motivações para permanência na equipe	33
3.5	Dificuldades enfrentadas para permanecer na equipe	34
3.6	Dificuldades enfrentadas pelas equipes	37
3.7	PMQ <i>versus</i> questões discursivas: análise transversal dos resultados ..	38
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
5	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE: Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	46
	ANEXOS:.....	47
	ANEXO 1: Questionário sociodemográfico	47
	ANEXO 2: Participation Motivation Questionnaire	48
	ANEXO 3: Questionário de questões discursivas	49

Dedico este trabalho 'in memoriam' da minha amada mãe, Marly Helena, que mesmo fisicamente ausente, se fez (e se faz) presente em todos os momentos desta caminhada, através dos seus ensinamentos sobre o valor da vida e da educação e sobre a importância de nunca desistirmos dos nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre esteve presente em minha vida e cuidou de todos os meus passos.

Agradeço ao meu pai Sinderley Resende, que mesmo com todas as dificuldades nunca mediu esforços e sempre apoiou meus sonhos.

Agradeço a minha irmã Leydiane Ferreira, que na perda da nossa mãe, momento mais difícil de nossas vidas, tornou-se além de minha irmã, minha mãe e amiga, estando sempre ao meu lado, me apoiando e fazendo o seu melhor para me fazer feliz.

Ao meu orientador Sérgio Inácio, que aceitou este desafio de falar de um esporte ainda pouco conhecido e que, com maestria, me ajudou a traçar os caminhos para desenvolver este estudo. Muito obrigada pelas orientações, pela paciência, pelo tempo e pela dedicação, professor!

Aos professores Dra. Sigrid Bitter e Dr. Luiz Carlos Avelino, por aceitarem participar desta banca e deste momento tão especial da minha formação.

Aos professores do curso de Educação Física da UFU, que sempre serão lembrados com carinho, pelos seus ensinamentos e conhecimento compartilhados.

Aos meus amigos que fizeram dessa caminhada uma experiência incrível.

A todos vocês, muito obrigada!

1 INTRODUÇÃO

O *cheerleading* é um esporte originado no interior de universidades dos Estados Unidos (EUA) no início do século XX (WRIGHT, 2011), no Brasil possui uma história recente, com pouco mais de dez anos de existência (MARIANO, 2018a; 2018b), e vem ganhando muitos adeptos, principalmente, entre universitários (BORGES, 2019).

Entretanto, em outros contextos (incluindo até mesmo setores dentro do próprio ambiente universitário), o *cheerleading* ainda é pouco conhecido. Esse desconhecimento sobre o esporte é refletido na escassez de pesquisas sobre o assunto – fato observado durante levantamento bibliográfico realizado para fins deste estudo.

Com o intuito de contribuir para minimizar esta lacuna e considerando a importância da prática de atividades físicas e esportivas para a qualidade de vida de estudantes, este estudo teve por objetivo investigar as motivações que levam estudantes de Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil a praticarem *cheerleading*. Para tanto, traçamos como objetivos específicos: (a) mapear o perfil sociodemográfico dos estudantes-atletas participantes; (b) identificar os fatores que levaram esses estudantes a integrarem uma equipe; (c) levantar os fatores que os fazem permanecerem nessa equipe; e (d) avaliar as principais dificuldades enfrentadas por esses estudantes e por suas equipes para sua prática esportiva.

Embora a literatura reafirme os benefícios da prática de esportes e de atividades físicas para a saúde física e mental, coletiva e individual, estudos mostram que a participação de crianças e jovens em programas envolvendo esses tipos de atividades ainda é baixa (BERNARDES; YAMAJI, GUEDES, 2015) – o que para Guedes, Leganini e Leganini, (2011) está relacionado a aspectos motivacionais. Oliveira et al. (2014), apontam para uma diminuição da prática de atividades físicas por jovens após o ingresso na universidade.

Esses dados tornam-se preocupantes à medida que tais mudanças, associadas aos aspectos estressores próprios do ambiente acadêmico, podem contribuir para o adoecimento físico e psíquico destes estudantes (GRANER; CERQUEIRA, 2019) – o que poderia ser evitado ou minimizado pela prática de uma atividade física e/ou esportiva.

Assim, compreender os aspectos motivacionais que levam estudantes a praticarem uma atividade física e/ou esportiva torna-se de fundamental importância, e sendo o *cheerleading* uma modalidade com história recente no país, estudos nesse sentido tornam-se ainda mais relevantes, tanto para uma melhor compreensão do esporte, quanto para abertura de novas possibilidades de investigação.

1.1 *Cheerleading*: definição e história

O *cheerleading* é um esporte que envolve elementos da ginástica e da dança em sua “rotina”, isto é, na *performance* realizada pelas equipes durante suas apresentações (GRINDSTAFF, 2015). Dentre esses elementos, incluem-se saltos; acrobacias, formação de pirâmides, música e coreografia. Assim, algumas habilidades, como força, flexibilidade, ritmo, coordenação, agilidade, equilíbrio, dentre outras, são exigidas de seus praticantes, denominados *cheerleaders* (SOOHOO et al., 2005; LEVESQUE, 2016).

Na prática do *cheerleading*, existem posições específicas que variam de acordo com a antropometria e a habilidade de cada membro da equipe: as/os *flyers* são atletas mais leves e que possuem uma maior flexibilidade motora, visto que durante a rotina são levantadas/os ou arremessadas/os para o ar; e as *bases* são formadas por atletas mais fortes, responsáveis por impulsionar as/os *flyers* para execução das acrobacias aéreas (BRITO; SANTANA, 2017).

Em competições, além da divisão por categorias (*All Star*¹, *College*², *Open*³, University/Universitária etc.), por gênero (*All Girl*⁴, *All Boy*⁵, Co-Ed/mista⁶); por modalidade (*Team Cheer*⁷, *Partner Stunt*⁸, *Pom Dance*⁹ etc.) e por faixa etária (*tiny*, *mini*, *youth*, Júnior, sênior, *college*)¹⁰ as equipes também são divididas por níveis (de 1 a 7), que variam de acordo com o grau de dificuldade demandado na sua execução dos movimentos que compõem a rotina, cujo tempo irá depender da modalidade. (UNITED STATES ALL STAR FEDERATION [USASF], 2020).

¹ *All Star*: categoria formada por equipes/atletas profissionais.

² *College*: categoria composta por alunos-atletas que estudam em “*colleges*” (instituições de ensino superior que se diferenciam das “*universities*” por serem mais generalistas e terem menor tempo de duração).

³ *Open*: categoria aberta ao público, independente de vinculação institucional.

⁴ All girls: categoria/equipes formadas exclusivamente para mulheres.

⁵ All boys: categoria/equipes formadas exclusivamente por homens.

⁶ Co-Ed: categorias/equipes mistas, formadas por homens e mulheres.

⁷ *Team Cheer*: modalidade cuja rotina envolve sideline, dança e ginástica, dentro da mesma apresentação.

⁸ *Partner stunt*: modalidade formada por dupla (1 base e 1 *fleyer*).

⁹ *Pom dance*: modalidade com ênfase na dança rítmica e sincronizada e no uso dos pompons como alegorias.

¹⁰ Divisão de categorias por idade: *tiny* (3 a 5 anos); *mini* (3 a 8 anos); *youth* (9 a 11 anos); Júnior (12 a 14 anos); sênior (15 a 18 anos); *college*, (acima de 18 anos).

Os primórdios daquilo que viria a se tornar o *cheerleading* atualmente surgiu no ano de 1880 na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos (EUA), quando professores e estudantes dessa instituição começaram a entoar *cheer and chants* (gritos de torcida, em tradução livre) para incentivar seu time, durante competições de futebol americano. Contudo, foi somente em 1898, durante um jogo entre a Universidade de Minnesota e a Universidade de Northwestern, que o estudante Johnny Campbell, ao ver seu time perdendo, saiu de seu assento, foi para frente da torcida, pegou um megafone e começou a liderá-la. O time de Minnesota venceu o jogo e Campbell se tornou o primeiro líder de torcida oficialmente reconhecido da história (WRIGHT, 2011; ZABALA, 2012).

Devido ao sucesso da atuação de Campbell a Universidade de Minnesota organizou um grupo de seis alunos para liderar sua torcida durante os eventos esportivos da instituição. Campbell manteve-se como líder principal deste grupo, cujos membros passaram a ser chamados, “*yell captains*” (“capitães do grito”, em tradução livre). Em 1903 esta mesma universidade organizou o primeiro time de *cheerleading* da história, o “*Gamma Sigma Fraternity*”, criando as bases do “*cheer sideline*”¹¹ voltado exclusivamente para a animação de torcidas (WRIGHT, 2011).

Até o ano de 1923, o *cheerleading* era uma atividade exclusivamente masculina, vindo a contar com a participação de mulheres somente a partir desse ano, quando a Universidade de Princeton incluiu alunas em seu time. Nas décadas de 1930 e 1940, devido ao recrutamento dos homens para a Segunda Guerra mundial, elas se tornam maioria chegando a ocupar mais de 90% dos postos dos *cheerleaders* dos EUA (WRIGHT, 2011; GRINDSTAFF, 2015).

Com o passar dos anos o conceito de *cheerleading* e a cultura de entreter o público em jogos se popularizou em meio a outras universidades dos EUA e também na *high school* (WRIGHT, 2011). Com a popularização do esporte, novos elementos foram incorporados às apresentações, como o uso de *flashcards*¹², pompons e megafones. Um dos grandes colaboradores para a inclusão desses elementos foi o professor de ginástica Lawrence Herkimer, responsável por incorporar alguns saltos da ginástica artística (dentre eles o “salto herkie”¹³, ainda hoje muito utilizado) e pela modernização dos pompons – produto o qual

¹¹ *Cheer sideline*: modalidade ainda hoje inclusa dentro de campeonatos, ou enquanto parte de uma rotina ou enquanto categoria independente, que consiste em uma apresentação, realizada “em solo”, cuja finalidade é a animação da torcida.

¹² *Flashcards*: cartazes com palavras ou frases motivacionais mostradas pelos atletas durante a rotina.

¹³ Salto herkie: salto realizado em solo, em que durante sua execução o atleta lança uma de suas pernas para frente, formando um ângulo reto, e a outra para trás, formando um ângulo de aproximadamente 30 graus. Durante o salto, os braços também são elevados perpendicularmente ao corpo.

patenteou (dentre outros) com sua marca, a NCA (*National Cheerleader Association*), primeira empresa do segmento *cheer* do mundo. Foi ele também o responsável por idealizar e organizar os primeiros “*camps*¹⁴” de *cheerleaders*, voltados para o treinamento de atletas e pessoas interessadas pelo esporte (INTERNATIONAL CHEER UNION [ICU], 2018).

Inspiradas na ideia de Herkimer outras organizações com foco no segmento *cheer* foram criadas, dentre elas, a “*Universal Cheerleaders Association*” (UCA), fundada em 1974, por Jeff Webb, ex *cheerleader* e professor de Educação Física. À formação dos atletas, foram incluídos novos elementos que, ainda hoje, estão na base do *cheerleading*, como o *liberty*¹⁵, o *elevator*¹⁶, o *basket tosses*¹⁷, as acrobacias e uma variedade de pirâmides; além de regras e técnicas de segurança. A combinação desses elementos com música e coreografia originou o conceito de “*Cheerleading Competition*” (“*cheerleading* competitivo”, em tradução livre) (WRIGHT, 2011).

Em 1982 Webb conseguiu veicular à maior emissora de televisão de esporte do mundo, a ESPN, um campeonato com categorias *Cheerleading Music* (*Cheer Music*) e *Performance Cheer* (*Team Cheer*). Esta midiaticização do esporte fez com que os conceitos de “*cheerleading competition*” e “*cheerleading performance*” se espalhassem rapidamente pelos EUA. Nesse contexto, foram criadas as equipes “*All Star*”, formadas por atletas que treinam para fins competitivos (WRIGHT, 2011). E em 2003, foi criada a primeira federação de equipes *All Star* dos EUA, a *United States All Star Federation* (USASF), com objetivo de promover o esporte, dar consistência à suas regras e organizar campeonatos – dentre eles o “*Cheerleading Worlds*” (ou Campeonato Mundial de *Cheerleading*) (WRIGHT, 2011).

Em 2004, as federações que buscavam promover o esporte em seus estados, fundaram a *International Cheer Union* (ICU), que se tornou o órgão representativo do esporte em nível mundial. Atualmente, a ICU conta com 116 federações e 7,5 milhões de atletas associados de diversas partes do mundo (ICU, 2017).

Devido aos esforços destas organizações e de atletas, em 2013 a SportAccord – organização que reúne as federações internacionais de esportes do mundo – reconheceu *cheerleading* como um esporte competitivo. Seguindo o mesmo caminho, em 2014 a Federação Internacional de Esportes Universitários (FIEU) também incluiu o *cheerleading*

¹⁴ *Camps*: workshops realizados para treinamento de equipes.

¹⁵ *Liberty*: manobra em que a *flyer*, suspensa pelas bases, se apoia em apenas uma de suas pernas e coloca o pé que esta livre, em posição perpendicular, sobre o joelho da perna de apoio.

¹⁶ *Elevator*: manobra em que a *flyer* é suspensa pelas bases acima de suas cabeças, simulando um elevador.

¹⁷ *Basket toss*: manobra em que a *flyer* é arremessada pelas bases.

dentro do escopo de seus esportes competitivos. E em 2016, foi a vez do Comitê Olímpico Internacional (COI) fazer o mesmo, ainda que provisoriamente (WRIGHT, 2011). Este fato fez com que o esporte fosse incluído dentre as modalidades esportivas dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2019, que aconteceram na Coreia do Sul. A expectativa era de que o mesmo ocorresse nos Jogos Olímpicos de 2020, contudo, devido à pandemia de COVID-19 ocorrida neste ano, o evento e o projeto de muitos atletas teve de ser adiado.

1.2 O *cheerleading* no Brasil

Segundo o site “*Cheer one Channel*”, um dos maiores sites de conteúdo *cheer* do país, o esporte chegou ao Brasil em meados de 2007. Neste ano, Cauê Souza que havia morado nos EUA, onde cursou a *high school* e veio a se tornar líder pelo “*Cheer Eclipse Comets*”, retornava ao país. Além dele, Rodrigo Gonçalves e Wendel Dantas, amigos de longa data e professores de Educação Física, retornavam do Chile, onde passaram uma temporada e vieram a ter contato com o *cheerleading*. Foram esses três pioneiros, os responsáveis por atender as demandas iniciais do esporte no país, ministrando *workshops* em universidades, auxiliando estudantes na formação de equipes e treinando informalmente pessoas interessadas pelo esporte. (MARIANO, 2018a).

Em 2008, por meio de uma rede social, Cauê conheceu Márcio Tavares, ginasta e entusiasta do *cheerleading*, de quem se tornou amigo e passou a se encontrar para treinamentos informais. Logo a dupla foi conquistando novos adeptos e formou a primeira equipe *cheerleading* do Brasil, a *Rio Twister All Star* (MARIANO, 2018a). Concomitante, em São Paulo, Rodrigo e Wendel, junto com outros atletas, fundaram a Comissão Paulista de Cheerleading (CPC), primeira associação relacionada ao esporte do país (MARIANO, 2018b)

Ainda em 2008, integrantes de um grupo de *cheer sideline*, o *Storm*, treinadas por Rodrigo, fundaram a União Brasileira de Cheerleading (UBC) que, atualmente, é a principal entidade representativa do esporte no país. A princípio a UBC tinha como objetivo lecionar “clínicas de *cheerleading*”, sem pretensões competitivas; contudo, com a aproximação da entidade à USASF e à ICU, mudou seu foco para o *cheerleading* esportivo.

Em 2015, o Brasil participou pela primeira vez do Campeonato Mundial de Cheerleading, ficando na 13^a posição no placar geral (PIMENTAL, 2016). Nos anos posteriores a seleção brasileira melhorou sua classificação, chegando próxima de subir ao pódio em 2019, quando ficou em 4^o lugar na categoria Co-Ed (COC, 2019).

No ano de 2018, mais uma instituição ligada ao *cheerleading* foi criada no Brasil, a Associação Brasiliense de Cheer & Dance (ABC&D). Para Daniel Veloso, presidente da ABC&D, as associações são “fundamentais para o crescimento do esporte, principalmente para que se aumente o número dos praticantes e para que a prática seja economicamente viável” (MARIANO, 2018c).

Em um levantamento realizado por Bastos (2020), que teve como referência o número de atletas que competiram no Campeonato Brasileiro de Cheerleading nos anos de 2017, 2018 e 2019, por sete equipes *All Star*, constatou-se que houve um aumento de mais de 60% no número de atletas nesses times, o que aponta para uma expansão do esporte no país. Baseando-se no número de ginásios cadastrados no banco de dados do site *Cheers one Channel*, Bastos (2020) estima que existam mais de 1000 praticantes de *cheerleading* no país somente da categoria *All Star*. Em relação aos times universitários, a estimativa é que existam mais de 600 equipes espalhadas em 18 estados da federação brasileira. Contudo, apesar de todo esse crescimento, o esporte ainda não foi reconhecido pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e pelo Conselho Nacional do Esporte (CNE) enquanto uma modalidade esportiva.

1.3 Considerações sobre o esporte universitário

Muzell e Bastos (2012) definem o esporte universitário como a prática esportiva formal, executada por alunos de graduação ou pós-graduação, regularmente matriculados em IES públicas ou privadas, com o objetivo de formar equipes a disputar competições ligadas à instituição ou a uma Associação Atlética Acadêmica (AAA). Seguindo esta linha, Barroso et. al. (2007, p. 1) caracterizam o esporte universitário como tendo, “(...) organização estrutural, categorias e uniformização de regras”. Ampliando esta definição, Barbosa (2014, p. 31), define esporte universitário como “(...) toda e qualquer prática de esportes, seja ela obrigatória ou voluntária, realizada dentro de uma IES por alunos matriculados na graduação ou pós-graduação”.

Hatzidakis (2006) divide os esportes universitários em três categorias: (a) “esporte universitário de rendimento”, praticado por alunos selecionados pelas IES para participar competições interuniversidades; (b) “esporte universitário de participação”, praticado por qualquer aluno, de modo voluntário, cujo objetivo é a integração do participante na vida social e a promoção da saúde e da educação; e (c) o “esporte universitário educacional”, praticado por meio da Educação Física escolar e vinculada ao currículo acadêmico.

Segundo Elias (1992) o esporte universitário nasceu nas escolas públicas da Inglaterra, no século XIX, para melhorar o controle do tempo livre de crianças e adolescentes das classes dominantes e ascendentes. Contudo, a primeira associação universitária para fins esportivos foi fundada somente em 1905, nos EUA. A partir de então, outras associações semelhantes foram também criadas em países europeus, como França, Hungria, Polônia, Alemanha, Suécia e Noruega. Esta organização em torno do esporte universitário fez com que em 1923 fosse realizada a primeira edição dos “Jogos Universitários Mundiais”. Ao final da Segunda Guerra Mundial a direção do esporte no mundo passou a ser dividida com a União Internacional dos Estudantes (UIE), fundada em 1946, e com a Federação Internacional de Esportes Universitários (FISU), fundada em 1949 (HATZIDAKIS, 2006).

No Brasil, a introdução do esporte no contexto universitário também remonta ao final do século XIX. Segundo Coelho (1984), foi neste período que algumas universidades como o Colégio Mackenzie de São Paulo, a Faculdade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e a antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro, começaram a organizar as primeiras competições universitárias. No ano de 1900, alguns desses estudantes-atletas passaram a compor equipes de times profissionais (Flamengo, Botafogo e Fluminense) para disputar campeonatos de futebol e outros esportes. Foi neste ano também que aconteceu o primeiro campeonato interestadual de esportes universitários, organizado por estudantes de universidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em 1933, um grupo de universitários do Rio de Janeiro criou a primeira Federação Atlética de Estudante (FAE), responsável por promover a 1ª Olimpíada Universitária do Brasil (HATZIDAKIS, 2006). A partir de então, outras federações estaduais foram se formando; e, em 1939, foi fundada a Confederação Brasileira de Desportos Universitários (CBDU), que, atualmente, conta com 27 federações estaduais associadas (CBDU, 2020). Em 2019, a entidade incluiu *cheerleading* dentre as categorias dos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) – principal evento esportivo universitário do país (CBDU, 2019). Sobre os benefícios da prática desportiva no contexto universitário, Coelho (1984 apud HATZIDAKIS, 2006, p. 1019) ressalta que, “é impossível negar as contribuições do desporto acadêmico para aproximação do ser humano, de seus relacionamentos, do incentivo ao coleguismo, ao espírito de coletivismo e, também, ao incentivo à formação de novas lideranças”. Para Hatzidakis (2006, p. 1019), o “esporte universitário é um fenômeno social que supre as necessidades de intercâmbio e integração física, cultural e social dos universitários”, cujo principal objetivo é o bem estar dos estudantes.

1.4 A produção acadêmica sobre esporte universitário na UFU

Diversos estudos sobre esportes universitários vêm sendo realizados dentro do contexto acadêmico. Dentre estes estudos, incluem-se aqueles produzidos por estudantes e pesquisadores da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FAEFI) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) (ALEXANDRE, 2017; SIMONI, 2017; GARCIA, 2018; SILVA, 2018; BORGES, 2019; PENA, 2019; SANTOS, 2019).

Um desses estudos, realizados por Silva (2018), que objetivou investigar o perfil socioeconômico de estudantes inscritos em um projeto denominado “Equipes UFU de treinamento”, vinculado à Divisão de Esporte e Lazer (DIESU) desta universidade, verificou que: a média de idade desses atletas é de 21,8 anos; a maioria são homens (69,23%); solteiros (92,83%); estudam em cursos integrais (78,56%); não trabalham (69,5%); e moram com os pais (44,5%).

Em um estudo semelhante, realizado por Pena (2019), com estudantes praticantes de atividades físicas na academia universitária desta mesma universidade, não houve diferença significativa entre o número de homens (50,5%) e de mulheres (49,5%); contudo, os resultados dos demais dados se assemelharam aos encontrados por Silva (2018). No estudo de Pena (2019), 86% dos entrevistados afirmaram que a academia universitária contribuiu para o seu desempenho acadêmico – o que reforça as contribuições do esporte no contexto universitário para estes estudantes.

A motivação para prática desportiva no contexto universitário é outro tema também comumente abordado em estudos vinculados à FAEFI/UFU. Um desses estudos, realizado por Alexandre (2017), com participantes (n = 29) de equipes de treinamento de Handebol desta instituição, verificou que a busca por “competência técnica”, o desejo de “competir”, a “emoção” proporcionada pela prática desportiva e o desejo de “melhorar a aptidão física”, são os principais fatores de motivação que levam estes estudantes a praticarem esta modalidade esportiva.

Em estudo semelhante, realizado por Simoni (2017), com estudantes-atletas (n = 20) praticantes de judô da UFU, a “competência técnica”, a “aptidão física”, a “emoção” e a “competição”, embora com alterações de prioridades, também foram apontados como principais fatores de motivação para a prática desportiva destes estudantes. A busca pelo esporte foi motivada pela “continuidade do esporte” anteriormente já praticado pelo estudante. Neste estudo não houveram diferenças significativas entre os gêneros. A permanência destes estudantes nesta modalidade esportiva foi relacionada à “boa orientação”

oferecida pela equipe técnica; ao “gosto pelo esporte”; e à “superação de limites”. E as principais dificuldades enfrentadas por estes estudantes para sua prática esportiva, estão relacionadas a dificuldades de conciliar os horários de treinamento com as atividades acadêmicas, principalmente aulas e provas.

Em um estudo realizado por Garcia (2018), com estudantes (n = 22) integrantes de equipes de treinamento de futebol da UFU, os fatores de motivação apresentados por estes estudantes para sua prática desportiva foram: a “diversão”; a “afiliação”; a busca por “competência técnica”; a “emoção” proporcionada pela prática desportiva; e “competição” (desejo de competir). No que tange às motivações para ingresso na equipe, foram apontadas: “amor pelo time”, “lazer”; e “gosto pelo esporte”. As motivações para permanência destes estudantes nestas equipes estão relacionadas: à continuidade da prática esportiva; à manutenção da forma física; e ao desejo de praticar uma atividade física. Dentre as dificuldades apresentadas por estes estudantes para manutenção desta prática, incluem-se: a distância entre a residência do estudante e os locais de treino; e a dificuldade para conciliar os horários dos treinos com os das aulas e de outras atividades acadêmicas.

Em outro estudo sobre motivação para a prática esportiva, realizado por Santos (2019), com estudantes-atletas (n = 10) integrantes de uma equipe de futsal masculina da UFU, os fatores “competência técnica”, “competição” e “aptidão física” foram os mais apontados como sendo responsáveis pela prática desportiva destes estudantes. O ingresso na equipe se deu principalmente pelo “gosto pelo esporte”, seguido pelo desejo “estar com amigos” e de “competir e representar a instituição” – fatores também reforçadores para a permanência desses atletas em suas equipes. A dificuldade de conciliar horários dos treinos com o de aulas e outras atividades acadêmicas também foi apontada como principal dificuldade enfrentada por esses estudantes para sua prática do esporte.

Já no estudo realizado por Borges (2019), com estudantes-atletas integrantes de equipes de *cheerleading* da UFU (n = 159), os fatores de motivação apresentados por estes estudantes para sua prática esportiva foram, em ordem de prioridade: a “competência técnica”; a “aptidão física”, a “competição”; e a “emoção”. A “paixão/admiração pelo esporte” foi apontada como principal fator de motivação para a escolha da modalidade; e a permanência na equipe se deu principalmente à “união da equipe” e ao “vínculo estabelecido com os demais membros”. As principais dificuldades apontadas por estes estudantes para sua prática desportiva foram: “falta de espaço físico”; e “dificuldade de conciliar tempo de treino com os estudos”.

Como pode ser observado a partir dos estudos citados, com exceção da pesquisa realizada por Garcia (2017), em que a diversão e a afiliação tiveram lugar de destaque dentre as motivações apresentadas pelos estudantes-atletas entrevistados, em todos os demais estudos (ALEXANDRE, 2017; SIMONI, 2017; GARCIA, 2018; SILVA, 2018; BORGES, 2019; PENA, 2019; SANTOS, 2019), mesmo com alternância de prioridades, a busca por “competência técnica”, o desejo de “realizar uma atividade física”, a “competição” e a “emoção”, foram apresentados como principais motivações para a prática esportiva destes estudantes. Nestes estudos, o reconhecimento social, ou seja, o desejo de ser reconhecido por meio de sua performance dentro do esporte, e a afiliação, que está relacionado à necessidade de pertencimento a um grupo, não apresentaram expressividade para estes estudantes-atletas.

Como pode ser observado, dentre a produção acadêmica sobre o esporte universitário realizada pelos estudantes do curso de Educação Física da UFU, grande parte trata da temática da motivação no esporte. Com o intuito de aprofundarmos a discussão, ter-se-á na sequência análise sobre alguns estudos sobre a motivação no esporte.

1.5 A motivação no esporte

O estudo da motivação é um dos que mais ganha espaço na Psicologia do Esporte (BARROSO et al., 2007). Em termos conceituais, a motivação pode ser definida como um processo psíquico básico que está relacionado à direção e à intensidade com que um indivíduo direciona seus esforços para executar uma ação. Nesse sentido, “direção” está relacionada à busca, à aproximação ou, à atração do indivíduo por determinada ação ou atividade; enquanto a “intensidade” se refere à força (maior ou menor) para o desempenho dessas funções (SARGE apud SAMULSKI, 2009).

No esporte a motivação se constitui enquanto um processo psíquico básico que está relacionado às bases e efeitos das ações esportivas (NITSCH, 1989 apud SAMULSKI, 2009); podendo afetar “a seleção, intensidade e a persistência de um indivíduo, que, no caso do esporte, interfere diretamente na qualidade da performance do atleta” (RUBIO, 1999, p. 654).

As diferentes abordagens da psicologia do esporte conceituam a motivação a partir de três orientações: centrada no participante; centrada na situação; e interacional. Na perspectiva da abordagem “centrada no participante”, o comportamento motivacional é orientado primeiramente em função de características individuais do sujeito, como a personalidade, gostos pessoais, expectativas etc. A abordagem “centrada na situação” sustenta que o nível de motivação para a prática desportiva é determinada principalmente pelas condições e

influência do meio. E a abordagem “interacional” defende que há uma interação entre fatores pessoais e situacionais que interagem na determinação da motivação (UNESCO, 2013). Dentre essas teorias inclui-se a “Teoria da Autodeterminação”, de Deci e Ryan (1985), uma das teorias sobre motivação mais aceitas por pesquisadores e profissionais de diversas áreas do conhecimento, incluindo os da Educação Física (BALBINOTTI et al., 2011).

Esta teoria preconiza que as pessoas podem ser motivadas tanto por fatores intrínsecos como por fatores extrínsecos para desempenhar determinada atividade, ou, ainda, serem “amotivadas”. As motivações intrínsecas seriam aquelas relacionadas à própria vontade do sujeito, que busca nesta atividade uma forma de satisfação ou prazer; são comumente associadas à alegria, ao bem estar psicológico, à persistência e ao interesse. As motivações extrínsecas, por sua vez, estão relacionadas a fatores externos, como, por exemplo, a obtenção de um prêmio e o reconhecimento social. (BALBINOTTI et al., 2011; SIQUEIRA; TACIANELLI, 2013).

Segundo Siqueira e Ticianelli (2013), no contexto do esporte e da atividade física, a motivação é considerada o produto de um conjunto de variáveis (sociais, ambientais e individuais) que determina tanto a eleição de uma determinada modalidade esportiva, como a intensidade desta prática e o rendimento do sujeito nesta atividade. Corroborando com esta ideia, Rubio (1999) afirma que o nível de motivação de um atleta é determinado pela interação de fatores pessoais, como a personalidade, as necessidades do sujeito, seus interesses, suas habilidades; e por fatores situacionais, como a facilidade para a prática do esporte e orientação técnica recebida.

Para Dosil (2004) a motivação é o motor do esporte, pois explica as razões para a iniciação, orientação, manutenção e abandono da prática de atividades esportivas. Assim, a motivação tem um importante papel na prática desportiva e de atividades físicas, visto que os fatores a ela subjacentes seriam os principais responsáveis pela busca e permanência de pessoas em um determinado esporte ou atividade.

2 METODOLOGIA

O presente estudo possui caráter quanti-qualitativo, do tipo exploratório. Segundo Goldenberg (1997, p.66) “[...] a interação de dados qualitativos e quantitativos pode proporcionar uma melhor compreensão do problema estudado.” As pesquisas quantitativas se caracterizam pela descrição e/ou categorização de variáveis de um objeto ou fenômeno por meio de sua quantificação (RICHARDSON, 1999). As pesquisas qualitativas têm como objetivo a descrição e/ou a interpretação de determinado fenômeno; buscam desvelar os significados atribuídos às coisas pelo sujeito, levando em consideração os aspectos subjetivos implicados nessa significação (MINAYO 2010). Já as pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar uma maior familiaridade com o problema investigado com vistas a torná-lo mais explícito ou criar hipóteses (GIL, 2002, p. 41) – o que justifica o uso deste tipo de procedimento para pesquisar questões relacionadas ao *cheerleading* no Brasil que, conforme já comentado, é um assunto pouco investigado e do qual se tem pouco conhecimento no país.

Para seleção dos participantes foi utilizado o método de amostragem não probabilística por conveniência. Para tanto, seguiu-se dois caminhos: (a) o rastreamento de times e, em seguida, de praticantes de *cheerleading* em redes sociais (Instagram); e (b) colaboração de pessoas conhecidas da pesquisadora.

Para o rastreamento dos times foi utilizado o recurso de “busca” (pesquisa), oferecido pelo aplicativo Instagram, sendo utilizados os descritores: “cheerleading”; “cheer”; “cheerleading Brasil”; “cheerleading universitário”. Foram encontradas 58 páginas de times de *cheerleading* brasileiros (excluindo times internacionais e *All Star*), cujos administradores foram contatados pela pesquisadora por meio de mensagem privada (“direct”). Neste contato inicial, após as devidas apresentações da pesquisadora e dos objetivos e justificativas do estudo, foi solicitado o contato dos responsáveis pelos times representados pela página. Foram obtidas 25 respostas dos administradores, sendo que: 18 enviaram o número do Whatsapp dos responsáveis pelas equipes; e 7 disseram que não poderiam passar o contato de membros da equipe para terceiros mas se comprometeram a enviar o link com os instrumentos aos times representados pelas páginas, os quais disseram fazer parte. Seis mensagens não foram visualizadas e 27 não foram respondidas, ou foram respondidas após o encerramento da pesquisa. Todos os 18 responsáveis pelas equipes contatadas se comprometeram a enviar os instrumentos de coletas de dados para suas equipes.

Para coleta de dados utilizamos três instrumentos: (a) um questionário sociodemográfico, contendo questões para caracterização da amostra (idade, sexo, IES, curso, período, ano de ingresso na equipe, tempo na equipe etc.); (b) um instrumento padronizado, o *Participation Motivation Questionnaire* – PMQ (versão brasileira adaptada por, GUEDES; SILVÉRIO NETTO, 2013); e (c) um questionário contendo quatro questões discursivas relacionadas aos objetivos da pesquisa.

O PMQ é constituído por 30 itens que elencam possíveis motivações que levam atletas jovens a praticarem esportes. Esses itens são organizados em oito fatores de motivação: (a) reconhecimento social; (b) atividade de grupo; (c) aptidão física; (d) emoção; (e) competição; (f) competência técnica; (g) afiliação; e (h) diversão. Neste instrumento, por meio de uma escala do tipo Likert de 5 pontos, o respondente indica o grau de importância (1 = “nada importante” a 5 = “muito importante”) de cada motivo apresentado nos itens para sua prática esportiva. (GUEDES; SILVEIRA NETTO, 2013).

Os instrumentos foram organizados em formulário eletrônico único através da ferramenta *Google Digital Forms* (GDF), junto ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), o qual deveria ser devidamente assinalado com “sim” pelo respondente para validação de sua participação. A produção deste formulário gerou um link de acesso aos instrumentos que foi enviado, através do aplicativo de mensagem Whatsapp, àqueles que se comprometeram a ajudar Estes mediadores, por sua vez, enviaram o link contendo os instrumentos, para grupos de Whatsapp de suas equipes. Junto ao link, foi enviado um pequeno texto com a apresentação da pesquisadora, dos objetivos e justificativas da pesquisa e aspectos éticos subjacentes, para que os respondentes pudessem se inteirar da pesquisa antes de respondê-la. Devido ao fato de o link ter sido enviado para os “mediadores” em momentos diferentes, foi dado um prazo mínimo de 15 dias para que pessoas interessadas pudessem responder. Ao todo, a pesquisa manteve-se aberta por um período de 1 mês.

Ao final, 112 pessoas responderam e, após aplicação dos critérios de exclusão, constituiu-se uma amostra com 100 participantes. Foram incluídos apenas respostas de estudantes universitários de graduação ou pós-graduação e que estavam integrando algum time de *cheerleading* universitário no momento da pesquisa. Respostas em duplicidade (10) (o que pode ser identificado por meio das questões abertas e conferência dos demais dados) e pessoas que não estavam mais integrando equipes (2) foram excluídas.

Para síntese dos dados foram utilizados os recursos disponibilizados no GDF. Os resultados do PMQ e do questionário sociodemográfico foram analisados por meio de

estatística descritiva (frequências, média e desvio padrão). No caso do PMQ as análises foram realizadas tendo como referência os oito fatores de motivação proposto pelo teste.

As questões abertas foram analisadas através do método de “análise de conteúdo”. Tal método consiste em descobrir núcleos de sentido que compõem a comunicação do sujeito, sintetizá-los, categorizá-los e analisa-los, podendo essa análise ser qualitativa ou quantitativa (BARDIN, 2011) – opção esta escolhida para este estudo devido à amplitude da amostra.

Para manter o rigor da análise foram obedecidas as seguintes etapas para análise dos conteúdos das respostas dos sujeitos: (a) leitura fluente das respostas dos participantes para construção do *corpus* da pesquisa e levantamento dos dados primários (palavras ou expressões que sintetizassem a resposta dos participantes); (b) categorização dos dados primários a partir de semelhança semântica (análise qualitativa); e (c) análise quantitativa dos dados categorizados a partir da frequência de respostas dos participantes por categoria.

3 DIALOGANDO COM OS DADOS

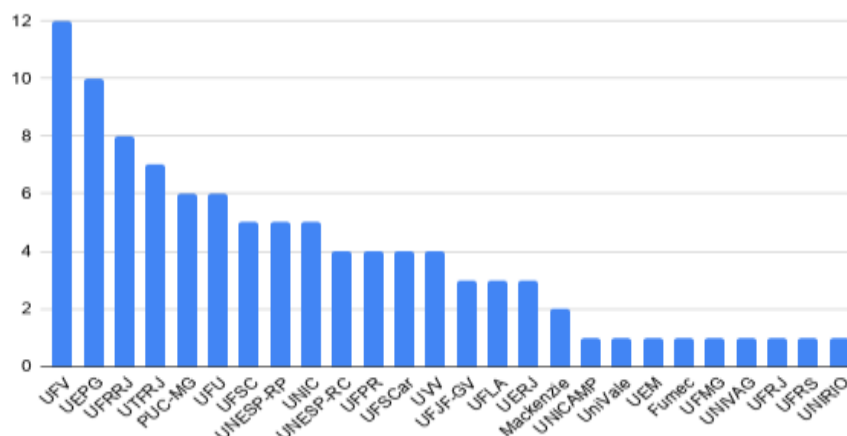
3.1 Perfil sociodemográfico: caracterização da amostra

A amostra deste estudo foi constituída por 100 estudantes universitários praticantes de *cheerleading* (“estudantes-atletas”), sendo 77 mulheres e 23 homens, com idades entre 18 e 27 anos ($M = 21,57$; $DP = 2,03$), residentes nas regiões Sudeste (84%), Sul (10%) e Centro-Oeste (6%).

Esses dados corroboram com os de estudos nacionais (MAROLDE, CARVALHO E SERRÃO, 2019; BORGES, 2019) e internacionais (BALTHASER, 2005), que apontam que mulheres (e) jovens são a maioria dos praticantes de *cheerleading* no Brasil e no mundo. Em relação ao fator idade, ou seja, ao fato de *cheerleading* de a maioria desses praticantes serem jovens, deve-se levar em consideração que essa modalidade nasce, se desenvolve e, ainda, permanece muito vinculada ao ambiente acadêmico, ocupado majoritariamente por indivíduos desta faixa etária.

No que tange à predominância de respondentes da região sudeste, deve-se levar em consideração que, no Brasil, o *cheerleading* chega primeiro nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro (MARIANO, 2018a), onde passam a ganhar maior popularidade devido ao empenho dos órgãos representativos deste esporte (UBC; ABC&D e de seus atletas). Ademais, além de concentrarem a maior população, esta região também concentra o maior número de IES do país (SEMESP, 2020), o que pode ter contribuído para a maior representatividade de participantes de estados que integram esta região. As IES de origem desses participantes são apresentadas no Gráfico 1.

Gráfico 1 - IES dos participantes

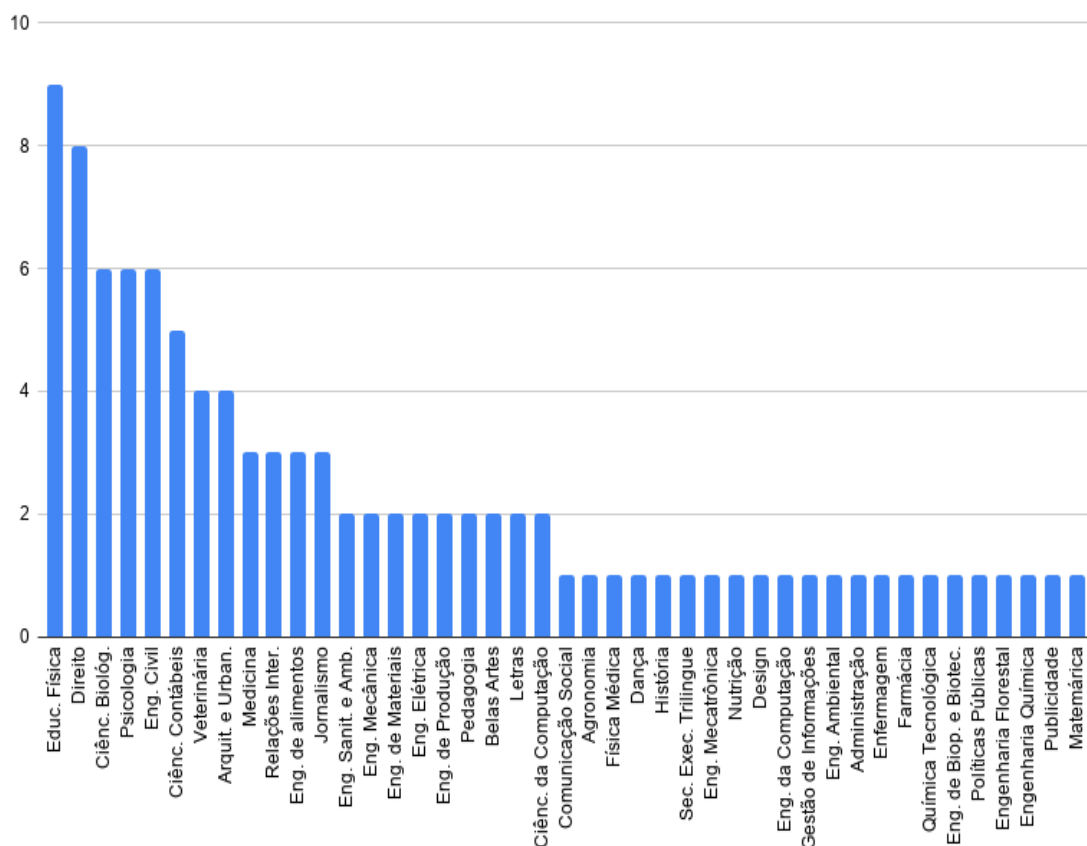


Fonte: A autora.

Como pode ser verificado no Gráfico 1, participaram deste estudo estudantes de 26 IES (12 federais, 6 estaduais e 8 privadas); sendo: 55% estudantes de IES federais; 24% de IES estaduais; e 21% de IES privadas. O maior número de respondentes de IES públicas (79%) pode estar relacionado ao fato nessas instituições já haver uma cultura voltada para o esporte mais consolidada. É preciso considerar que o esporte universitário nasce dentro dessas instituições e, as torcidas sempre se fizeram presentes em competições para apoiar seus times, chegando em algumas situações a competirem (não em caráter esportivo, mas de animação) entre si (HATZIDAKIS, 2006).

A diversidade de IES de origem desses estudantes aponta para uma expansão do *cheerleading* no contexto universitário, o que vai de encontro às estimativas de Bastos (2020), que verificou um aumento do número de atletas e de equipes no Brasil. Ademais, a diversidade de cursos (43) frequentados por esses estudantes reforçam esta hipótese. Os cursos frequentados por esses estudantes-atletas são apresentados no Gráfico 2.

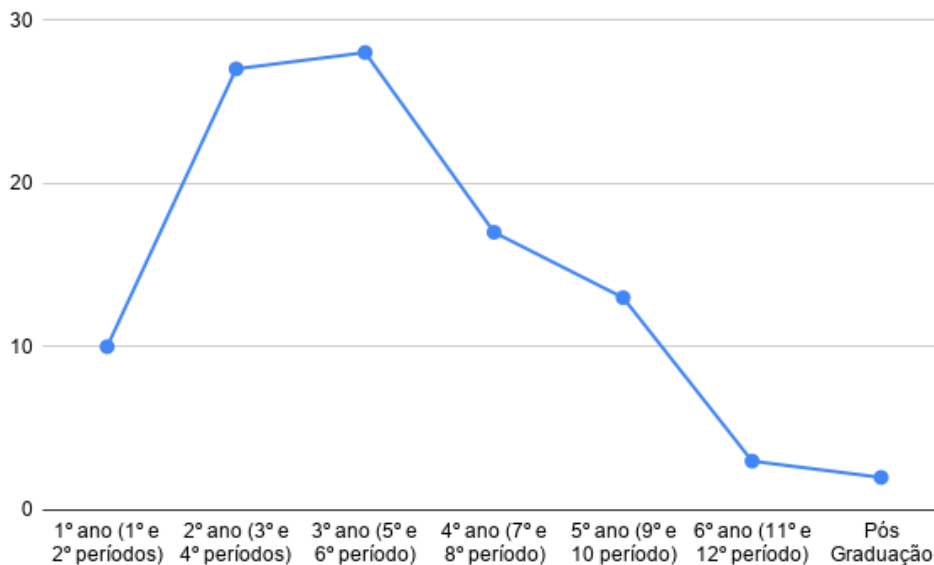
Gráfico 2 - Cursos frequentados pelos participantes



Fonte: A autora.

Em relação ao ano/período de curso, que esses alunos se encontram matriculados: 10% são do 1º ano, 27% são do 2º ano; 28% do 3º ano; 17% do 4º ano; 13% do 6º ano; e 2% são alunos da pós-graduação. As frequências brutas dos anos/períodos estudo desses estudantes encontram-se descritas no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Ano/período cursado pelo participante



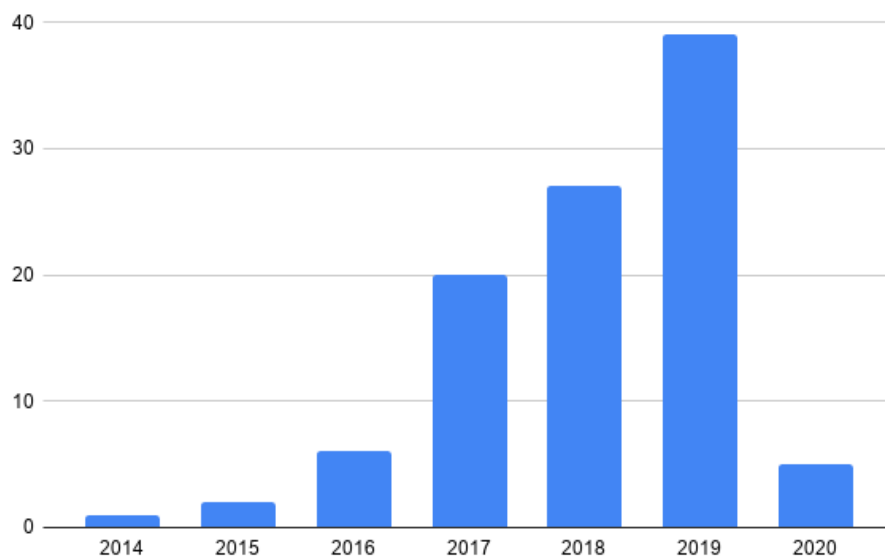
Fonte: A autora.

Conforme pode ser observado há um crescimento do número de estudantes até o terceiro ano de curso e, posteriormente há um decréscimo desse número. Esses dados corroboram com os de outros estudos que apontam para um decréscimo de estudantes em equipes esportivas universitárias após o terceiro ano de curso (BORGES, 2019; OLIVEIRA, 2014), o que pode estar relacionado a fatores como: o entusiasmo pelo ingresso na faculdade; à busca por novas experiências e por um novo ciclo relacional (amizades) para se integrar neste novo contexto; e a um maior volume de compromissos acadêmicos no final do curso, devido a exigências de estágios e de trabalho de conclusão de curso.

No que tange ao turno de estudo destes estudantes-atletas, 71% estudam em período integral (manhã e tarde); 13% no período diurno; 13% noturno; e 3% no vespertino. O baixo número de alunos de cursos noturnos pode estar relacionado ao fato de a grande maioria desses estudantes trabalharem durante o dia, sobrando-lhes pouca ou nenhuma disponibilidade para a prática de esportes ou atividades físicas. Ademais, muitas dessas atividades acontecem em período noturno inviabilizando a participação desses alunos.

Em relação ao contato inicial desses estudantes-atletas com o *cheerleading*, 63 disseram que não conheciam o esporte antes de ingressarem no ensino superior; e 37 disseram que conheciam o esporte. Destes, apenas 2 já tinham tido um contato mais próximo com o esporte antes (como atletas). Esse desconhecimento do *cheerleading* pela maioria desses estudantes antes de ingressarem em uma IES reflete o pouco conhecimento sobre esse esporte em outros espaços – o que pode ser justificado pelo fato de o *cheerleading* ser um esporte ainda recente no país (MARIANO, 2018a, 2018b). O ano de ingresso desses alunos em suas equipes é apresentado no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Ano de ingresso na equipe



Fonte: A autora.

Embora não se possa afirmar com precisão que houve um aumento do número de atletas ao longo dos anos – tendo em vista que à medida que avançam de período/ano há uma tendência ao decréscimo do número de alunos praticantes de *cheerleading*, conforme verificado no Gráfico 3 –, é possível observar, levando-se em consideração os anos de 2017, 2018 e 2019, um aumento do número de participantes durante este período, o que também aponta para uma expansão do esporte no ambiente universitário. Esses dados corroboram com o levantamento realizado por Bastos (2020), que verificou um aumento do número de inscrições de atletas em campeonatos nacionais nestes anos. A redução do número de ingressantes nas equipes no ano de 2020 é justificável pelo momento de pandemia provocada pelo vírus SARs-COVID-19, que culminou na necessidade de isolamento social e suspensão

das aulas presenciais impossibilitando a adesão de novos membros. O tempo que esses estudantes-atletas integram suas equipes é apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Ano de ingresso na equipe e tempo de equipe

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Ano de ingresso na equipe	2014	2020	2017	2,14
Tempo de equipe (em anos)	0,3	5	2,13	1,02

Fonte: A autora.

Conforme pode ser observado na Tabela 1, média de tempo desses estudantes-atletas em suas equipes foi de 2,13 anos (DP = 1,02). Tendo em vista que a maioria dos cursos de graduação tem duração entre 4 e 5 anos, pode-se dizer a partir destes dados que, a maioria dos estudantes-atletas que participaram deste estudo integra suas equipes a um tempo considerável, o que contribui para o estabelecimento de vínculo e para a evolução da equipe.

3.2 Motivações para a prática de esporte: análise do PMQ

Os resultados do PMQ encontram-se sintetizados na Tabela 2.

Tabela 2- Resultados do PMQ

Fator	Média	Desvio Padrão
Competência técnica	4,44	0,88
Aptidão física	4,22	1,00
Emoção	4,12	1,09
Competição	3,93	1,11
Atividade em grupo	3,45	1,40
Diversão	3,31	1,15
Afiliação	3,22	0,98
Reconhecimento social	3,15	1,30

Fonte: A autora.

Como pode ser observado, o principal fator motivacional dos atletas deste estudo para a prática desportiva foi a competência técnica, seguida da aptidão física, emoção, competição, diversão, atividade em grupo, afiliação e reconhecimento social.

O fator de motivação "competência Técnica" engloba três itens: melhorar as habilidades esportivas; aprender novas habilidades; e atingir nível esportivo mais elevado. Neste fator, "o jovem atleta justifica a prática de esporte mediante metas de auto-realização associadas ao domínio e ao aperfeiçoamento das habilidades esportivas" (GUEDES;

SIVÉRIO NETTO, 2013, p. 143). Neste estudo, além de apresentar a média mais alta ($M = 4,44$), o fator competência técnica apresenta o menor desvio padrão ($DP = 0,88$), o que aponta para uma baixa dispersão das respostas desses indivíduos em torno dessa média, demonstrando uma maior homogeneidade das respostas dos participantes para esse fator. Em outras palavras isso implica em dizer que são motivados por aperfeiçoar e aprender novas habilidades a fim de se atingir um nível esportivo mais elevado.

Esses dados corroboram com os de diversos estudos (BERNARDES; YAMEJI; GUEDES, 2015; ALEXANDRE, 2017; SIMONI, 2017; SANTOS, 2019; BORGES, 2019) que apontam a competência técnica como sendo o principal fator motivacional para prática esportiva por jovens. Para Bernardes, Yameji e Guedes (2015, p. 168), “(...) tal comportamento deve-se ao fato de jovens-atletas estarem preocupados com a aprendizagem e a execução de movimentos e gestos que envolvem cada modalidade esportiva específica”.

No que tange ao *cheerleading* é preciso considerar, também, o fato de o primeiro contato direto com o esporte, para maioria desses estudantes-atletas (98%), acontecer após o ingresso em um curso superior, o que implica que esses jovens chegam às equipes sem nenhum conhecimento técnico sobre o esporte, valorizando neste início a aprendizagem de novas habilidades – o que também pode justificar a posição do fator “competência técnica”

Por sua vez, o fator de motivação “aptidão física” engloba quatro itens: manter a forma física; fazer exercício físico; ter ação; e estar em boas condições físicas. Este fator está relacionado a motivações de ordem fisiológica e de condicionamento físico para a prática de esporte, podendo também atender critérios relacionados à saúde (GUEDES; SIVÉRIO NETTO, 2013).

É preciso considerar que, tanto no *cheerleading* quanto em outras modalidades esportivas, aptidão física e competência técnica estão intrinsecamente relacionadas, tendo em vista que para o aperfeiçoamento e desenvolvimento de novas habilidades é necessário estar em boas condições físicas e ter ação.

No estudo realizado por Borges (2019) com estudantes praticantes de *cheerleading* ($n = 159$) da UFU, estes dois fatores (competência técnica e aptidão física) também foram os principais apontados pelos participantes para sua prática esportiva. A convergência desses dados com os deste estudo aponta para um alto nível de comprometimento dos atletas de *cheerleading* com o esporte. Esta busca por aprendizagem e aperfeiçoamento é de fundamental importância para a evolução das equipes, que, em nível nacional, se encontram cada vez mais organizadas e preparadas tecnicamente (BORGES, 2019).

O fator motivacional “emoção”, que neste estudo aparece como terceiro lugar, está relacionado à busca por emoções fortes, liberação de energia e controle de tensões (GUEDES; SIVÉRIO NETTO, 2013). É preciso considerar que o *cheerleading* é um dos esportes que envolvem emoção não apenas durante competições, mas durante todo processo de preparação do atleta, tendo em vista se tratar de um esporte com elevado nível de exigências, tanto técnicas, como física e psicológica. Ademais, motivações relacionadas à liberação de energias e controle de tensões podem estar associadas ao próprio ambiente universitário, comumente descrito por estudantes como sendo um ambiente ansiogênico e repleto de fatores estressores.

O fator motivacional “competição” está associado ao enfrentamento de desafios e à exposição de riscos e engloba os itens: “competir” e “enfrentar desafios” (GUEDES; SILVÉRIO NETTO, 2013, p. 145). É preciso considerar que esses dois elementos fazem parte da rotina de atletas *cheers*, tendo em vista o fato de o *cheerleading* ser um esporte de competição e cuja dinâmica impõe uma série de desafios aos seus atletas – o que justifica a colocação do fator competição na quarta posição neste estudo. É preciso considerar também que o próprio esporte universitário possui um viés competitivo desde suas origens (HATZIDAKIS, 2006); e o número de campeonatos de *cheerleading* tem aumentado consideravelmente dentro e fora deste contexto (BORGES, 2019). Ademais, o desejo de competir pode estar relacionado aos dois outros primeiros fatores apresentados por esses estudantes-atletas, tendo em vista que a busca por melhor e aprender novas habilidades pode ser motivada pelo desejo de competir (e vencer).

O fator motivacional “atividade em grupo” engloba itens que associam à prática do esporte à socialização: satisfazer o treinador/professor; desenvolver o espírito de equipe; pertencer a um grupo; trabalhar em equipe. Sendo o *cheerleading* um esporte coletivo, este fator se torna de fundamental importância para a compreensão das motivações de atletas para sua prática. Neste estudo, além de apresentar uma média ($M = 3,45$) próxima à média geral ($M_G = 3$, para escala aplicada: 1 a 5) este fator foi o que apresentou o maior desvio padrão, o que aponta para uma grande dispersão das respostas dos participantes em torno dessa média. Isso implica em dizer que o fator atividade em grupo pode ser relevante para alguns atletas e de menor importância para outros.

O fator motivacional “diversão” está relacionado a motivações voltadas para a busca pelo prazer por meio da prática esportiva. Dentre os itens que compõem este fator incluem-se: viajar; ter alguma coisa para fazer; divertir; e utilizar instalações e equipamentos esportivos. Assim, como no fator “atividade em grupo”, o fator diversão também apresentou elevada

dispersão de dados em torno da média ($M = 3,31$; $DP = 1,15$), o que aponta para uma heterogeneidade de respostas para este item.

Esta grande variação nas respostas deste fator pode estar relacionada às diferentes formas como esses indivíduos compreendem o esporte: enquanto alguns veem o esporte como diversão, outros (a maioria, tendo em vista os dois primeiros fatores) percebem como uma prática esportiva que tem suas regras e valores e, por isso, exige dedicação permanente e responsabilidade. Contudo, isso não implica em dizer que o esporte não agregue certo nível de diversão para seus praticantes, tendo em vista que se trata de uma atividade promotora de prazer. Conforme afirmam Sanches e Días (2008, p. 13):

Um dos pontos que devem ser enfatizados em uma atividade esportiva, seja ela realizada com um objetivo educacional, social ou até mesmo no esporte de alto rendimento, é a vivência do prazer e da diversão. Sem isso, não conseguimos conquistar a adesão do praticante, para que a prática esportiva passe a fazer parte de sua vida cotidiana por um longo período de tempo (se possível, por toda a vida).

O fator “afiliação” envolve itens que avaliam a motivações para a prática do esporte fomentadas pelas relações sociais. Os itens que compõe este fator são: estar com amigos; ser influenciado pela família e amigos; e fazer novas amizades (GUEDES; SIVÉRIO NETTO, 2020). Neste estudo além deste fator apresentar a segunda menor média ($M = 3,22$), apresentou o segundo menor desvio padrão ($DP = 0,98$), o que demonstra pouca variação das respostas dos participantes em torno da média.

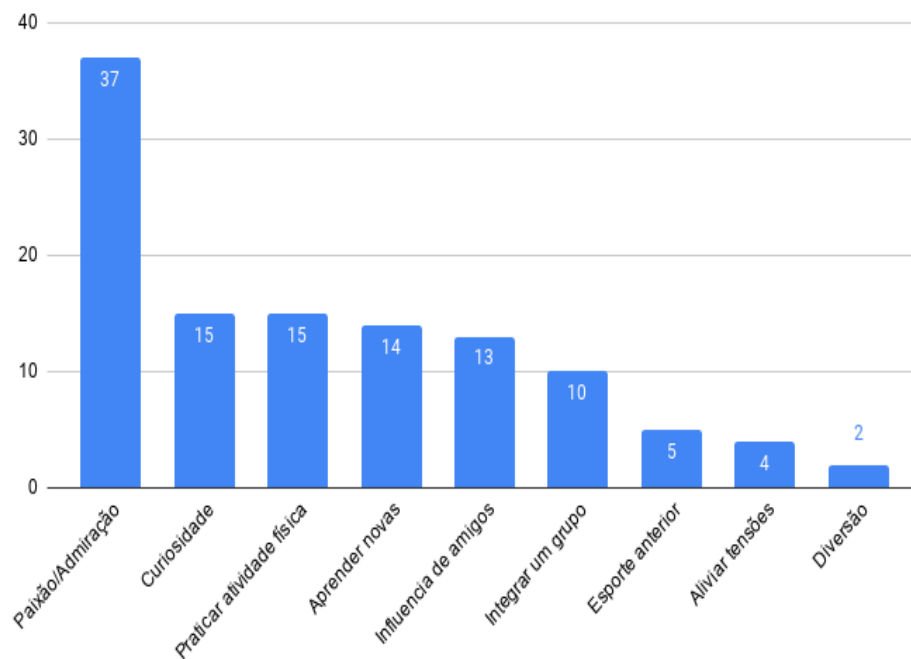
Por fim, o fator “reconhecimento social”, “procura atender aspectos da motivação vinculados à aprovação social, à busca de prestígio, à superação pessoal e à auto-realização” (GUEDES; SILVÉRIO NETTO, 2013, p. 144). Trata-se do fator com maior número de itens, a saber: ganhar dos adversários; fazer alguma coisa em que é bom; receber prêmios; pretexto para sair de casa; ter a sensação de ser importante; ser conhecido. No caso dos sujeitos da amostra deste estudo, embora este fator seja o de menor média ($M = 3,15$), possui o segundo maior desvio padrão ($DP = 1,30$), o que aponta para uma heterogeneidade das respostas dos participantes em relação a este fator. Esta variação em torno da média revela que o reconhecimento social pode apresentar diferentes graus de importância para esses indivíduos.

No estudo realizado por Borges (2019), os fatores de motivação “afiliação” e “reconhecimento social” também foram os que tiveram menores médias – e, neste caso, os maiores desvios padrões –, reforçando os diferentes graus de importância destes fatores de motivação para atletas do *cheerleading*. O desejo de reconhecimento por parte de alguns pode estar relacionado ao desejo de competir e vencer.

3.3 Motivações para o ingresso na equipe

A partir da questão aberta de número 2: “Qual(Quais) motivo(s) te levou(levaram) a integrar uma equipe de *cheerleading*?”; foi possível construir 9 categorias a partir das respostas dos participantes. No Gráfico 5 são apresentadas as frequências brutas das motivações apresentadas por estes estudantes-atletas para o ingresso o seu equipe, por categoria.

Gráfico 5 - Motivação para o ingresso na equipe: frequências brutas/categorias



Fonte: A autora.

Esses dados demonstram que o principal motivo que levou os participantes deste estudo a ingressarem em uma equipe de *cheerleading*, foi a “admiração/paixão pelo esporte”. Nesta categoria foram incluídas respostas como: “paixão pelo esporte”; “gostar do esporte”, “amar o esporte”; e “paixão/admiração pelo esporte”. Para Vallerand et al. (2003) e Peixoto (2018), a paixão é sempre orientada para algo significativo ou que tenha valor para a pessoa. Está relacionada a uma construção motivacional direcionada a um objeto ou para realização de uma atividade específica, existindo um impulso ou inclinação para se aproximar do objeto amado. Desta forma, pode-se inferir que a paixão/admiração pelo *cheerleading* foi um fator de motivação significativo para os estudantes-atletas buscarem uma equipe e começar a praticar o esporte.

Vale destacar que, alguns sujeitos mencionaram que conheceram e começaram a “admirar” o *cheerleading* por influência de filmes. Esses dados confirmam a hipótese de Dias et. (2015), para quem os filmes foram grandes aliados na divulgação e introdução do esporte no Brasil – embora retratasse o *cheerleading* de forma estereotipada.

A “curiosidade” e o desejo de “praticar alguma atividade física” aparecem juntas com a segunda maior frequência de repostas. Nesta categoria foram incluídas repostas como: “ser um esporte diferente”; “curiosidade”; “ser um esporte dinâmico”, “desejo de conhecer”; e outras de mesmo teor semântico. A motivação por curiosidade pode ser compreendida pelo fato de o esporte, além de chamar a atenção por sua própria dinâmica ser ainda recente no país. Na categoria “praticar uma atividade física” foram agrupadas repostas como: “fazer uma atividade física”; “praticar um esporte”; “manter a forma”; e outras de mesmo teor semântico. Esses elementos demonstram que um número significativo de participantes chegou até suas equipes ou por curiosidade, ou por buscar uma atividade física para praticar.

No estudo realizado por Borges (2019), esses três primeiros fatores também apareceram como principais fatores de motivação. A convergência desses dados permite inferir que os principais fatores que levam as pessoas a procurarem o *cheerleading* é a paixão/admiração pelo esporte, a curiosidade e o desejo de praticar uma atividade física

Aprender “novas habilidades”, “influência de amigos” e “integrar um grupo”, aparecem na sequência. Estes fatores de motivação podem estar relacionados ao próprio contexto universitário e ao ingresso desses estudantes-atletas no ensino superior. Conforme afirmam Graner e Cerqueira (2019), ao ingressar na universidade os jovens passam por uma série de mudanças biológicas, psicológicas e sociais, o que exige desse indivíduo uma série de adaptações em diversos setores de sua vida, de forma a atender às novas (e diversas) exigências do mundo acadêmico. Esse novo mundo que se apresenta enquanto um espaço de aprendizagem e conhecimento tende a levar esses indivíduos à busca por novas experiências e novos grupos relacionais (amizades), dos quais se sintam pertencentes. Esse fato pode justificar a posição destes fatores que, embora não tenham sido os mais comentados, se apresentaram como motivação para o ingresso na equipe para uma parcela significativa da amostra.

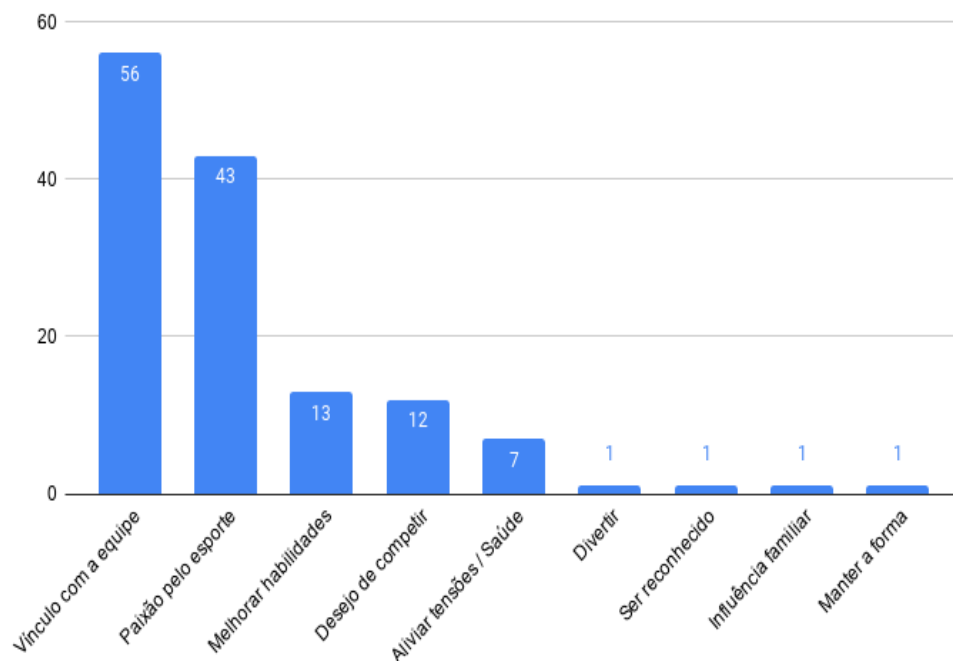
Na sequência de motivações apresentadas pelos estudantes-atletas deste estudo estão: “esporte anterior”, que se refere a práticas desportivas anteriormente praticadas (ginástica e dança) que aproximaram os estudantes-atletas de suas equipes; e “aliviar tensões”, sendo incluída aqui busca por “melhorar a saúde”; e “diversão”, que em todas as situações em que apareceu veio acompanhada de outras motivações. Na primeira situação observa-se uma

migração, de um esporte (ginástica) ou atividade (dança) anteriormente praticada pelo estudante, para o *cheerleading*. Essa migração demonstra a proximidade do *cheerleading* com essas modalidades; e pode estar relacionada a motivos diversos, como, “ser gratuito” e “dificuldade de acesso ao esporte anterior” (por razões diversas) – motivações apresentadas por alguns desses participantes. A motivação “alívio de tensões” também pode se justificar pelo contexto universitário que, conforme afirma Graner e Cerqueira (2019), é um ambiente ansiogênico e estressor. No caso do fator “diversão” é comum que jovens procurem atividades para se divertir, contudo, isso não implica que esses indivíduos não possam vir a tomar gosto pelo esporte e se desenvolver.

3.4 Motivações para permanência na equipe

A partir das respostas da questão de número 2: “*Qual (Quais) motivos te levam a permanecer na equipe?*”, foi possível extrair 9 categorias (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Motivações para a permanência na equipe: frequências brutas/categorias



Fonte: A autora.

Como pode ser observado o “vínculo com a equipe” e a “paixão pelo esporte” aparecem com a maior frequência de respostas, o que significa que esses fatores são os principais responsáveis pela permanência desses estudantes-atletas em suas equipes. Esses

dados corroboram com os de outros estudos realizados com estudantes-atletas do *cheerleading* (BORGES, 2019) e com estudantes-atletas de outras modalidades esportivas (GARCIA, 2018; SANTOS, 2019), em que estes dois fatores aparecem como principais motivações para a permanência na equipe. Nesta perspectiva, “vínculo” é entendido com base na relação de afeto estabelecido entre duas ou mais pessoas. Implica em gostar, em sentir prazer de estar junto a este(s) outro(s).

No que tange à “paixão pelo esporte”, conforme já comentado, esta motivação é uma das responsáveis por impulsionar o sujeito na busca de seus objetivos (PEIXOTO, 2018; VALLERAND, 2013). No caso deste estudo, este impulso pelo objeto “amado”, o *cheerleading*, apontam para uma relação afetiva também com o esporte, o que contribui para o bom desenvolvimento do atleta e da equipe.

No que tange aos dois outros fatores subsequentes, “melhorar habilidades”, “desejo de competir”, conforme comentado na sessão anterior, é preciso entender essas motivações associadas e dentro do contexto do esporte universitário, um esporte que desde seu surgimento têm viés competitivo. Assim, mais uma vez, pode-se inferir que a busca por melhorar e aprender novas habilidades está relacionado ao desejo desses estudantes-atletas de competir, incentivado pelo ambiente esportivo competitivo acadêmico.

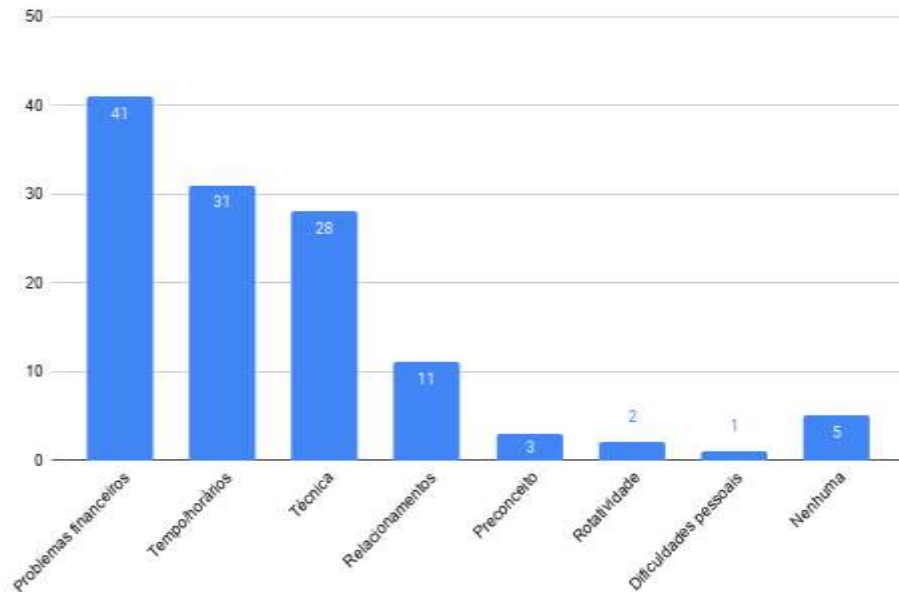
A motivação “aliviar tensões/melhorar a saúde” demonstra o caráter terapêutico da atividade física. Tendo em vista os fatores estressores próprios do ambiente universitário, a prática de uma atividade física pode contribuir significativamente para a melhora da saúde dos alunos. Como afirma Buriti (2001), a prática de atividade física e o lazer trazem benefícios significativos aos seus praticantes, aliviando tensões do cotidiano e melhorando a saúde física e mental, o que reforça os relatos destes atletas-estudantes.

Os demais fatores, “divertir”, “ser reconhecido”, “influência familiar”, “manter a forma”, aparecem com menor frequência, o que aponta para uma visão muito mais particularizada desses estudantes-atletas do que do grupo amostral investigados.

3.5 Dificuldades enfrentadas para permanecer na equipe

As frequências de respostas por categorias para a questão aberta de número 3: “*Quais as principais dificuldades encontradas por você para permanecer de uma equipe de Cheerleading?*”; são apresentadas no Gráfico 7.

Gráfico 7 - Dificuldades para participar da equipe: frequências brutas/categoria



Fonte: A autora.

Conforme observado, “problemas financeiros” foram as mais mencionadas pelos participantes. Uma parte desses estudantes-atletas comenta o fato de o esporte ser “caro” e das dificuldades para se adquirir equipamentos, uniformes, pagar inscrições e viagens para competições etc. Um primeiro ponto a ser considerado é que o termo “caro” pode apresentar uma conotação subjetiva, tendo em vista que essa percepção dependerá, em partes, da situação financeira do indivíduo. Contudo, é preciso considerar também que a grande maioria dos desses alunos (71%) fazem algum curso integral, o que os impossibilita de trabalhar e aponta para uma dependência financeira dos pais. E mesmo aqueles que trabalham, muitas vezes não ganham o suficiente para financiar o esporte. Esses fatores podem contribuir para que muitas pessoas desistam de praticar o *cheerleading*, o que acaba por torna-lo seletivo e restritivo a pessoas com melhores condições financeiras.

A segunda maior dificuldade apontada foi em relação a “tempo/horário”. Dentre as dificuldades mencionadas pelos participantes, incluem-se: conciliar os horários de treino com as atividades acadêmicas; achar um horário comum para a equipe se reunir; conciliar o esporte com as demandas familiares e com o trabalho. Mesmo alunos de cursos integrais apontaram dificuldades relacionadas a “tempo/horário” para se dedicarem ao esporte. No caso de alunos de cursos noturnos essa dificuldade se aprofunda ainda mais, tendo em vista que a maioria desses estudantes são trabalhadores. Dificuldades com disponibilidade de “tempo/horário”, em outros estudos aparecem como principal problema apontado por

universitários para prática desportiva (GARCIA, 2018; SANTOS, 2019) Esta dificuldade é compreensível tendo em vista as inúmeras exigências demandadas pela academia (trabalho, provas, projetos de extensão, projetos de pesquisa etc.) e as dificuldades próprias do dia a dia das pessoas.

As “dificuldades técnicas” aparecem na sequência, o que está relacionado ao alto nível de exigências de habilidades técnicas, físicas e psicológicas (concentração, atenção etc.) demandados em cada movimento do *cheerleading*; e, também, ao fato de a maioria desses sujeitos (98%) terem começado a praticar o esporte apenas após o ingresso na universidade.

A outra dificuldade apontada, diz respeito aos “relacionamentos interpessoais” estabelecidos com os membros da equipe, incluindo as dificuldades com “divergências de opiniões” e, principalmente, com a “falta de comprometimento” de membros da equipe. É preciso considerar que as divergências são comuns em processo grupais. Ademais, a falta de comprometimento pode estar relacionada à dificuldade de conciliar o esporte com outras atividades cotidianas.

Questões relacionadas ao “preconceito”, embora não tenham tido grande expressividade nas respostas, devem ser olhadas com atenção, tendo em vista que, esse tipo de comportamento, pode levar à desistência de membros e à manutenção de mitos e preconceitos relacionados ao esporte. Um ponto importante a ser considerado é que, tanto homens como mulheres que mencionaram esta dificuldade relataram já terem vivenciado alguma experiência de preconceito relacionado à sexualidade. No caso da mulher há uma erotização do corpo feminino; e no caso dos homens uma associação da prática do esporte com a homossexualidade, pelo fato de o *cheerleading* ser visto como um “esporte de mulher”.

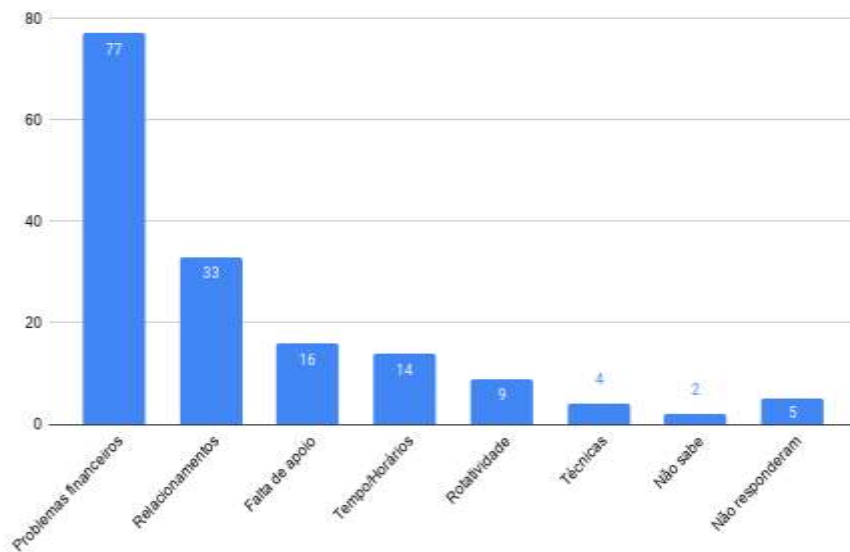
“Rotatividade” dos membros da equipe e “problemas pessoais” (ex. dor por motivo de cirurgia no pulso) foram dificuldades menos mencionadas. Sobre a primeira, é preciso considerar que no contexto investigado (universitário) é previsível a rotatividade de membros em equipes esportivas, tendo em vista o tempo limitado para a conclusão do curso. Já as dificuldades pessoais estão relacionadas a problemas de saúde dos participantes, não possuindo, assim, caráter representativo para serem feitas inferências sobre o grupo.

Em relação aos participantes que não responderam foi observado que todos possuem menos de um ano de equipe, o que aponta para uma opinião não formada sobre o assunto por parte desses indivíduos.

3.6 Dificuldades enfrentadas pela equipe

Em relação à questão aberta de número 4: “*Quais as principais dificuldades enfrentadas por sua equipe em suas vivências práticas?*” foi possível extrair 6 categorias a partir das respostas dos participantes, cujas frequências são apresentadas na Gráfico 8.

Gráfico 8 - Dificuldades enfrentadas pela equipe: frequências brutas



Fonte: A autora.

Como se pode observar no Gráfico 8, questões relacionadas a “problemas financeiros” foram mais frequentes nas respostas dos participantes, corroborando com a principal dificuldade apresentada por estes estudantes-atletas para permanecerem na equipe. Mais uma vez, respostas como: “falta de equipamentos”; “falta de infraestrutura/local para treinos”; “falta de dinheiro para contratar *coach*”, “falta de dinheiro para inscrição de atletas em competições e para viagem” etc., também foram mencionados.

Tais dificuldades foram associadas por parte destes estudantes-atletas à “falta de apoio” das IES. Alguns participantes relacionaram esta falta de apoio ao preconceito e ao não reconhecimento do *cheerleading* como esporte. Sobre esta questão é preciso considerar o fato de o *cheerleading* ser, ainda, um esporte recente no país e, ter sido sempre apresentado (por meio de filmes e programas de televisão) de forma estereotipada, como algo relacionado à diversão e ao entretenimento. O não reconhecimento do *cheerleading* como esporte por órgãos oficiais como o COB e CNE contribui para esta falta de apoio, tendo em vista que

dificulta a argumentação em defesa do esporte quando se busca apoio financeiro ou de outros tipos.

Dificuldades de “relacionamento” aparecem na sequência com maior número de frequências de repostas. Alguns atribuem essa dificuldade à “falta de compromisso” de membros da equipe. É preciso considerar que, da mesma forma que a coesão favorece a evolução da equipe, a falta dela pode atrapalhar seu progresso. Assim como a “rotatividade” que, também foi considerada uma das dificuldades enfrentadas pela equipe (RUBIO, 1999). Para alguns, a frequente entrada de novos membros corrobora para que o time não progrida, tendo em vista a falta de preparo físico e técnico desses iniciantes.

Por fim, as “dificuldades técnicas” que aparecem nas respostas de alguns desses estudantes-atletas, foram relacionadas à dificuldade de se conseguir pessoas qualificadas (“*coaches*”) para treinar as equipes. Sobre esta questão, é preciso mais uma vez considerar que o *cheerleading* é um esporte ainda recente no Brasil; e, embora se observe um aumento do número de profissionais com foco de atuação direcionado para o esporte, a disponibilidade deste tipo “mão-de-obra” ainda é muito restrita a algumas regiões. Ademais, os problemas financeiros apresentados como sendo a principal dificuldade para as equipes, impossibilitam a contratação deste tipo de serviço e a qualificação profissional.

Estes resultados divergem dos de outros estudos (ALEXANDRE, 2017; SIMONI, 2017; GARCIA, 2018; SILVA, 2018; BORGES, 2019; PENA, 2019; SANTOS, 2019) em que dificuldades relacionadas à conciliação entre os horários dos treinos e as atividades acadêmicas são apontadas como principais dificuldades enfrentadas por estudantes-atletas para se manterem na sua prática desportiva.

Foi verificado que as pessoas que não responderam ou responderam “não sei” são alunos com menos de um ano na equipe, o que aponta para uma falta de opinião formada ou de conhecimento sobre o assunto.

3.7 Análise transversal do PMQ e das questões discursivas

Diante dos resultados apresentados, pode-se perceber que a busca inicial pelo *cheerleading*, se dá por “paixão/admiração pelo esporte”, “curiosidade” e “desejo de praticar uma atividade física”. A partir do momento que os indivíduos passam a integrar uma equipe essas motivações tendem a se modificar, conforme demonstram os resultados do PMQ, em que os fatores motivacionais apresentados para a prática do esporte foram: a busca por

“competência técnica”; “melhorar a aptidão física”; a “emoção” proporcionada pela prática desportiva; e o desejo de competir (“competição”).

Assim, pode-se verificar que a partir do momento em que esses participantes passam a integrar uma equipe, suas motivações se voltam para o desenvolvimento técnico do esporte, não se restringindo apenas a mera admiração, curiosidade ou desejo de praticar um esporte; ou seja; à medida que se conhece o esporte as motivações se direcionam a evolução pessoal dentro do esporte e, conseqüentemente, à evolução da equipe.

Contudo, esta busca por “competência técnica”, ou por “melhorar habilidades”, é confrontada com problemas vivenciados pelos atletas e pelas equipes, sendo a falta de recursos financeiros o principal desses problemas, conforme verificado. Esta falta de recursos impede que atletas e equipes possam: “contratar coaches para treinar as equipes”; “comprar equipamentos”; “financiar viagens e uniformes para participar de competições”; etc.; aspectos indispensáveis para o desenvolvimento de competências técnicas e melhora das habilidades dos atletas.

É preciso considerar que estas dificuldades podem contribuir para a desmotivação e, conseqüente, para o abandono da prática esportiva. Conforme afirmam Rubio (1999), o nível de motivação de um atleta é determinado não apenas por fatores intrínsecos ao indivíduo, mas também por fatores situacionais, como a facilidade para a prática do esporte e orientação técnica recebida, que podem corroborar para a desistência do atleta.

Um fato que chama a atenção é que, embora a maioria dos participantes aponte o “vínculo com a equipe” como principal fator motivacional para sua permanência no esporte, o fator afiliação, que também se baseia no vínculo estabelecido entre os membros da equipe, foi o segundo fator motivacional de menor expressividade no PMQ. Ademais, “problemas de relacionamento”, também foram apontados como uma das dificuldades enfrentadas pelas equipes. Essas divergências nos levam a inferir que a paixão pelo esporte se sobrepõe a esses problemas relacionais do grupo, sendo de fato o principal fator motivacional que leva estes estudantes-atletas a permanecerem em suas equipes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo identificar os motivos que levam estudantes universitários a praticarem *cheerleading*. Em seus objetivos específicos buscou-se mapear o perfil sociodemográfico dos estudantes-atletas participantes; identificar os fatores que levaram esses estudantes a integrar uma equipe; levantar os fatores que os levam a permanecer nessas equipes; e avaliar as principais dificuldades enfrentadas por esses alunos e por suas equipes para sua prática esportiva.

Com base nos dados coletados, pode-se verificar que o perfil dos estudantes-atletas praticantes de *cheerleading* que participaram deste estudo foi formado por 77% de mulheres e 23% de homens; com idades entre 18 e 27 anos ($M =$; $DP =$); residentes nas regiões Sudeste; Sul e Centro-Oeste do país; sendo a grande maioria provenientes de IES públicas, matriculados em cursos diversos (43), dentre os quais os com maior número de participantes foram: Educação Física, Direito, Ciência Biológicas, Psicologia e Engenharia Civil. A maior parte desses alunos cursam o terceiro ano de curso; e conheceram o *cheerleading* somente após o ingresso na universidade/faculdade. A média de tempo na equipe foi de 2,13 anos ($DP = 1,02$).

Os resultados do PMQ permitiram verificar que os dois principais fatores de motivação que levaram estes estudantes-atletas a praticarem o *cheerleading* foram a busca por “competência técnica” e a “aptidão física”. Esses resultados além de apresentarem as menores médias, apresentaram baixos desvios padrões, demonstrando uma baixa variabilidade de respostas em torno desta média – o que nos leva a concluir que, para a maior parte desses estudantes esses dois fatores são determinantes para sua prática esportiva.

O questionário com questões discursivas permitiu verificar que os principais fatores que levaram esses sujeitos a integrarem uma equipe de *cheerleading* foram: a paixão/admiração pelo esporte; a curiosidade; o desejo de praticar uma atividade física; de aprender novas habilidades; e a influência de amigos. E os principais motivos que levam esses estudantes-atletas a permanecerem nestas equipes são: o vínculo com a equipe, a paixão pelo esporte; desejo de melhorar habilidades técnicas; e desejo de competir.

Quanto às dificuldades destes estudantes-atletas relacionadas à sua prática desportiva, foram mencionadas: dificuldades financeiras para custear o esporte; de disponibilidade de tempo/horários para participar dos treinos; técnicas; e de relacionamento. Dentre as principais dificuldades enfrentadas pela equipe, foram citados: problemas financeiros; de relacionamento; falta de apoio; e rotatividade.

Esses dados demonstram que os objetivos inicialmente propostos para este estudo foram atingidos, contudo, sem esgotar as possibilidades de análises e discussões sobre o tema – não sendo esta, de fato, sua intensão. Dentre essas possibilidades incluem-se estudos relacionados a questões de gênero; preconceito; inclusão e etc. A sugestão desses temas baseia-se não apenas nas respostas de alguns estudantes, que mencionaram já terem experienciado alguma situação de preconceito por praticarem o esporte, como em minha própria prática enquanto *cheerleader* durante a graduação, quando pude observar de perto situações de preconceito voltadas tanto para homens, que são generalizados como homossexuais pelo fato de o *cheer* ser um esporte com maior predominância feminina; quanto voltadas para mulheres, que tem seu corpo sensualizado e, muitas vezes, é vítima de assédio.

Ademais este estudo apresentou limitações metodológicas, dentre as quais, incluem-se: a realização do levantamento dos times por meio de redes sociais (o que foi observado pelo alto número de pessoas que não responderam o contato da pesquisadora) e o envio dos instrumentos (link) por meio de terceiros. Neste caso, esses instrumentos podem não serem repassados para os grupos e, também, não se pode precisar quantas equipes foram alcançadas – fato que ocorreu neste estudo.

Questionários com questões também possuem suas limitações, tendo em vista que os respondentes podem adequar suas respostas às expectativas do pesquisados ou por interesses pessoais e de seu grupo; e podem ser interpretados de maneiras diferentes pelos participantes. Ademais, os formulários online podem ser respondidos por pessoas fora do perfil desejado – o que tentou ser evitado, por meio do encaminhamento dos instrumentos para grupos específicos.

Neste estudo também não foi investigado o perfil sociodemográfico dos estudantes participantes, o que culminou na limitação de algumas análises, como, por exemplo, a concepção de o esporte ser “caro”. Portanto, para futuros estudos sugere-se que aspectos relacionados à renda familiar e renda individual sejam acrescentados ao questionário sociodemográfico.

Para além dos objetivos propostos, este estudo cumpre com um objetivo pessoal da pesquisadora: contribuir para uma melhor compreensão e divulgação do *cheerleading* no país, onde esse esporte, apesar do crescimento, ainda tímido, tem muito para ser conhecido, reconhecido e compreendido.

5. REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, L. C. *Esporte universitário: análise dos fatores motivacionais dos atletas da equipe de Handebol da UFU*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2017.
- BALBINOTTI, M. A. A.; BARBOSA, M. L. L. BALBINOTTI, C. A. A. PEDROSO, R. S. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 16, n. 1, p. 99-106, Apr. 2011 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2011000100013&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 27 de set. 2020.
- BALTHASER, J. D. *Cheerleading: “Oh How far it has come!”*. Pop Warner, 2008. Disponível em: <<https://lingualeo.com/tr/jungle/cheerleading-oh-how-far-it-has-come-by-joel-d-balthaser-278653>>. Acessado em: 27 set. 2020.
- BARBOSA, Cláudio. *Liderança na gestão do esporte universitário: proposta da criação de uma rede de dados*. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2014.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROSO, M. L. P. *Validação do “Participation Motivation Questionnaire Adaptado” para determinar o motivo de prática esportiva em adultos jovens brasileiros*. Florianópolis: UDESC, 2007. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/handle/tede/1029?locale=es>. Acessado em: 20 de julho de 2020.
- BASTOS, I. *Pesquisa: quanto o cheer cresceu até 2020*. Cheer one Channel, 2020. Disponível em: <http://cheer1.com.br/pesquisa-quanto-cresceu-o-cheer-ate-2020/>. Acessado em: 20 de julho de 2020.
- BERNARDES, A. G.; YAMAJI, B. H. S.; GUEDES, D. P. Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão. *Motri.*, Ribeira de Pena, v. 11, n. 2, p. 163-173, jun. 2015. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-107X2015000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 09 dez. 2020.
- BORGES, L. M. *Cheerleading na Universidade Federal de Uberlândia: ascensão e fatores motivacionais dos atletas*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2019.
- BRITO, H. B. B. L.; SANTANA, L. A. Análise da postura e da flexibilidade de atletas de cheerleading. *Fisio. Brasil*, v. 18, n. 1, p. 12 - 18, 2017. Disponível em: <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/view/750/1627>. Acessado em: 25 de julho de 2020.
- BURITI, M. S. L. *Variáveis que influenciam o comportamento agressivo de adolescentes nos esportes*. 2 ed. Campinas: Alínea, 2001.

CHEER ONE CHANEL - COC. *Mais um passo em direção às Olimpíadas*. 2018. Disponível em: <https://cheer1.com.br/mais-um-passo-em-direcao-as-olimpiadas/>. Acessado em: 10 de set. 2020.

_____. *Mundial ICU: Brasil entre os cinco melhores do mundo*. 2019. Disponível em: http://cheer1.com.br/day_one_team_brazil_entre_os_5_melhores_do_mundo/. Acessado em: 27 de set. 2020.

COELHO, S. L. *Cópia da palestra proferida em mesa redonda sobre alocação de recursos públicos para o esporte promovida pelo CENDEC*. Centro de Treinamento para o Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: CBDU, 1984

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DO DESPORTO. *Nova modalidade da fase final já é realidade no Brasil*. 2019. Disponível em: < <https://www.cbdu.org.br/cheerleading-nova-modalidade-da-fase-final-ja-e-realidade-no-brasil-roadtobahia/>>. Acessado em: 27 set. 2020.

_____. *Federações*. 2020. Disponível em: < <https://www.cbdu.org.br/federacoes/>> . Acessado em: 27 set. 2020.

DECI, E.L.; RYAN, R.M. *Intrinsic Motivation and Self*: New York and London: Plenum Press, 1985.

DIAS, J. P.; FERREIRA, N. R. S.; SILVA, C. A.; SANTOS, S. C.; CANESTRARO, H. E. *O cheerleader na educação física escolar*. In: XII Congresso Nacional de Educação [Anais], Paraná: EDUCERE, p. 24920-24926, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21404_10450.pdf . Acessado em: 28 de agosto de 2020.

DOSIL, J. Motivación: motor del deporte. In: _____. *Psicología de la actividad física y del deporte*. Madrid: McGrawHill,2004.

ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N; DUNNING, E (Org.). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GARCIA, L. A. *Esporte universitário: análise dos fatores motivacionais dos atletas da equipe de Futebol da UFU*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2018.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas S/S, 2002.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 24, n. 4, p. 1327-1346, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>. Acessado em: 20 de agosto de 2020.

GRINDSTAFF, Laura Anne. Cheerleading. In. *Encyclopedia Britannica*. Britannica Academic, 2015. Disponível em: <https://www.britannica.com/sports/cheerleading> . Acessado em: 25 de setembro de 2020.

GUEDES, D.P.; LEGNANI, R.F.S.; LEGNANI, E. Propriedades psicométricas da versão brasileira do Exercise Motivations Inventory (EMI-2). *Motriz: Revista de Educação Física*, Rio Claro, 2011.

GUEDES, D. P.; SILVERIO NETTO, J. E. Participation Motivation Questionnaire: tradução e validação para uso em atletas-jovens brasileiros. *Rev. bras. educ. fis. esporte*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 137-148, Mar. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092013005000003>. Acessado em: 15 nov., 2020.

HATZIDAKIS, G. Esporte Universitário. In: DA COSTA, Lamartine. *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro/RJ, CONFEF, p. 1019-1021, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/72.pdf>. Acessado em 25 de agosto de 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Prática de esporte e atividade Física*. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>. Acessado em: 22 de ago. de 2020.

INTERNATIONAL CHEER UNION – ICU. *What is the ICU*. USA, 2017. Disponível em: <https://cheerunion.org/about/about/>. Acessado em: 27 de out. de 2020.

_____. *History of The Sport of Cheer*. USA: ICU, 2018. Disponível em: https://cheerunion.org.ismmedia.com/ISM3/stdcontent/repos/Top/docs/ICU_History_2018.pdf. Acessado em: 25 julho de 2020.

LEVESQUE, R. J. R. Cheerleading. In. *Encyclopedia of Adolescence*. Springer International Publishing Switzerland, p. 1-3, 2016.

MAROLDE I.B.1 , CARVALHO C. 1, SERRÃO P. R.M.S. *Lesões em cheerleaders no brasil: um estudo transversal*. In. II Congresso Internacional e III Congresso Brasileiro da ABRAFITO – 2019. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/anaisuftm/index.php/>. Acessado em: 22 de set. 2020.

MARIANO, Rodrigo . *História do cheer brasileiro: os primeiros passos de um esporte nascente*. Cheer one Channel. 2018a. Disponível em: <http://cheer1.com.br/os-primeiros-passos-de-um-esporte-nascente/>. Acessado em: 24 de agosto de 2020.

_____, Rodrigo. *História do Cheer Brasileiro: encontro das vertentes*. Cheer one Channel. 2018b. Disponível em: http://cheer1.com.br/o_encontro_de_vertentes/ . Acessado em: 24 de agosto de 2020.

_____, Rodrigo. *Brasília dá ao Cheerleading uma nova associação*. Cheer one Channel. 2018c. Disponível em: <http://cheer1.com.br/brasil-da-ao-cheerleading-uma-nova-associacao/>. Acessado em 25 de agosto de 2020.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2010.

MAZZEI, L. C. & BASTOS, F. da C. (2012): *Gestão do Esporte no Brasil: Desafios e Perspectivas*. Ed. Ícone, São Paulo, 2012.

- OLIVEIRA, C. S.; GORDIA, A. P.; QUADROS, T. M. B. CAMPOS, W. Atividade física de universitários brasileiros: uma revisão da literatura. *Revista de Atenção à Saúde*, v. 12, n. 42, p. 77-77, out./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/rbcs.vol12n42.2457>. Acessado em: 24 de set. 2020.
- PEIXOTO, E.; VIANA-MEIRELES, L.; CAMPOS, C.; OLIVEIRA, L.; PALMA, B. (2019). Indicadores de motivação e paixão para prática esportiva em atletas brasileiros: um estudo sob a ótica da autodeterminação. *Psicologia Revista*, v. 27, p. 563-589. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2018v27i3p563-589>. Acessado em: 27 de set. 2020.
- PENA, C. V.. *Perfil sócio econômico do(a)s discentes atendido(a)s pela DIESU no projeto 'Academia Universitária'*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2019.
- PIMENTEL, T. *Brasilienses despontam no Campeonato Mundial de Cheerleaders, nos EUA*. IESB. Disponível em: <http://jornalismo.iesb.br/2016/03/30/brasilienses-despontam-campeonato-mundial-de-cheerleaders-nos-eua/> . Acessado em: 28 de agosto de 2020.
- RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- RUBIO, K. A Psicologia do Esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. *Psicologia Ciência e Profissão*, 19, n.3, p.60-69, 1999. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931999000300007. Acessado em: 27 de out. 2020.
- SAMULSKI, D.M. Motivação. In: SAMULSKI, D.M. *Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas*. Barueri: Manole, 2009. p.167-92.
- SANCHES; S. M. DIAS, J. D. Um olhar positivo sobre a psicologia do esporte: contribuições da psicologia positiva. *Rev. bras. psicol. esporte* 2008, v. 2, n. 2, p. 1-23. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbpe/v2n2/v2n2a07.pdf>. Acessado em: 27 de out. 2020.
- SANTOS, A. J. C. *Esporte universitário na UFU: análise dos fatores motivacionais dos atletas de futebol da Universidade Federal de Uberlândia*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2019.
- SECRETARIA DE MODALIDADES ESPECIALIZADAS DE EDUCAÇÃO [SEMESP]. Mapa do Ensino Superior. 10ª ed. 2020. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/edicao-10/>. Acessado em 20 nov. 2020.
- SILVA, V. E.. *Perfil sócio econômico do(a)s discentes atendido(a)s pela DIESU no projeto 'Equipes UFU de treinamento'*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2018.
- SIMONI, A. B.. *Esporte universitário: análise dos fatores motivacionais da equipe de Judô UFU*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2017.

SIQUEIRA, N. F.; TICIANELLI, G. . Psicologia e Esporte: o papel da motivação. *Rev. Ciência & Inovação* [online], v. , n. 1, [s/p], 2013. Disponível em: http://faculadadedeamericana.com.br/revista/index.php/Ciencia_Inovacao/article/view/20 . Acessado em: 27 de agosto de 2020.

SOOHOO, S.; SELL, K.; REEL, J.J. *Cheerleading*. Berkshire Encyclopedia of Word Sport. China, v. 1, p. 301-306, 2005.

UNESCO. Caderno de referência: Esporte. *Fundação Vale*: Brasília, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000224997>. Acessado em: 28 de set. 2020.

UNITED STATES ALL STAR FEDERATION - USASF. *USASF cheer rules 2020*. USA: USASF, 2020. Disponível em: http://rules.usasfmembers.net/wp-content/uploads/2020/05/USASF_Cheer_Rules_20-21.pdf Acessado em: 20 de julho de 2020.

VALLERAND, R. J. Les Passions de l'A^me: On Obsessive and Harmonious Passion. *Journal of Personality and Social Psychology*. v. 85, n. 4, p. 756–767, 2013

WRIGHT, J. *The Guide to Cheerleading*. Outstanding Honors Theses. 2011, 70. Disponível em: http://scholarcommons.usf.edu/honors_et/46. Acessado em: 20 jun. 2019.

ZABALA, J. C. V. *Coach cheerleading*. Universidad Santo Tomas: Facultad de Cultura Física, Deporte y Recreación, Bogotá D.C., Colombia, 2012. Disponível em: <https://repository.usta.edu.co/bitstream/handle/11634/4397/ValenciaJuan2012.pdf?sequence=1>

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado Discente,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**Cheerleading e motivação: um estudo com equipes universitárias brasileiras**”, um trabalho de conclusão de curso (TCC) sob a responsabilidade da estudante de Educação Física Franciele Ferreira Resende e de seu orientador Prof. Dr. Sérgio Inácio Nunes. A pesquisa tem como objetivo principal compreender as motivações que levam o(a)s aluno(a)s de faculdades e universidades brasileiras a integrarem e permanecerem em equipes de cheerleading.

Sua participação é voluntária e envolve responder dois questionários, com duração de no máximo quinze minutos, e caso deseje interromper a participação ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo sem nenhum prejuízo ou coação. O instrumento está dividido da seguinte forma: a primeira contém alguns dados que nos permitirão traçar o perfil inicial, tais como: sexo, idade, ano de ingresso, curso, turno e tempo na equipe, e o questionário PMQ (Participation Motivation Questionnaire), com 30 itens equivalentes aos possíveis motivos, no qual o respondente indica o grau de importância; e a segunda parte é um questionário com cinco questões abertas.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será preservada. Serão omitidas todas as informações que possam permitir identificá-lo. Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com a estudante de Educação Física Franciele Ferreira Resende pelo e-mail: franciele_fr2010@hotmail.com ou com o orientador Prof. Dr. Sérgio Inácio Nunes pelo e-mail sin@ufu.br.

Para aceitar participar desta pesquisa clique em “sim”; para desistir clique em “não”.

ANEXO 1**Questionário sociodemográfico**

Sexo: F () M ()

Idade: _____

Faculdade/Universidade: _____

Curso: _____

Período / Ano atual: _____

Turno: _____

Ano de ingresso na equipe de *cheerleading*: _____

Tempo na equipe: _____

Já conhecia o *cheerleading* antes de ingressar na universidade? () Sim () Não

ANEXO 2

PMQ – *Participation Motivation Questionnaire*

(versão adaptada; GUEDES; SILVÉRIO NETO, 2013)

Abaixo estão alguns motivos que podem levar as pessoas a praticarem esportes. Leia com atenção cada item e marque com “X” o quanto cada um desses motivos é importante atualmente para você praticar cheerleading.

<i>Eu pratico esporte para:</i>	Nada Importante				Muito importante
01. Melhorar as habilidades técnicas	01	02	03	04	05
02. Estar com amigos	01	02	03	04	05
03. Ganhar dos adversários	01	02	03	04	05
04. Liberar energias	01	02	03	04	05
05. Viajar	01	02	03	04	05
06. Manter a forma física	01	02	03	04	05
07. Ter emoções fortes	01	02	03	04	05
08. Trabalhar em equipe	01	02	03	04	05
09. Satisfazer a família ou os amigos	01	02	03	04	05
10. Aprender novas habilidades	01	02	03	04	05
11. Fazer novas amizades	01	02	03	04	05
12. Fazer algo que sou bom	01	02	03	04	05
13. Liberar tensões	01	02	03	04	05
14. Ganhar prêmios	01	02	03	04	05
15. Fazer exercício físico	01	02	03	04	05
16. Ter algo para fazer	01	02	03	04	05
17. Ter ação	01	02	03	04	05
18. Desenvolver espírito de equipe	01	02	03	04	05
19. Sair de casa	01	02	03	04	05
20. Competir	01	02	03	04	05
21. Sentir importante	01	02	03	04	05
22. Pertencer a um grupo	01	02	03	04	05
23. Superar limites	01	02	03	04	05
24. Estar em boas condições físicas	01	02	03	04	05
25. Ser reconhecido(a)	01	02	03	04	05
26. Vencer desafios	01	02	03	04	05
27. Satisfazer o professor / treinador	01	02	03	04	05
28. Ser reconhecido(a) e ter prestígio	01	02	03	04	05
29. Divertir	01	02	03	04	05
30. Usar instalações e equipamentos esportivos	01	02	03	04	05

ANEXO 3

Questionário de questões discursivas

- (a) Qual (ou quais) motivo(s) levou (levaram) você a integrar uma equipe de cheerleading?
- (b) Que motivos te levam a permanecer nesta equipe?
- (c) Quais as principais dificuldades encontradas por você para permanecer de uma equipe de *cheerleading*?
- (d) Quais as principais dificuldades enfrentadas por sua equipe em suas vivências práticas?